

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
PROGRAMA PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTU SENSU* EM
LETRAS**

LILIAM VILHENA DI CÉSAR LIMA MOTOBU

**ASPECTOS DA HIPERMODERNIDADE EM ‘CICATRIZES DO RISCO
OU CREPÚSCULO DAS LUZES’, DE CIDA RODRIGUES**

**GOIÂNIA
2019**

LILIAM VILHENA DI CÉSAR LIMA MOTOBU

**ASPECTOS DA HIPERMODERNIDADE EM ‘CICATRIZES DO RISCO
OU CREPÚSCULO DAS LUZES’, DE CIDA RODRIGUES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu*, Mestrado Acadêmico em Letras - Literatura e Crítica Literária, pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC/GO, como pré-requisito necessário para a obtenção do título de Mestre em Literatura e Crítica Literária.

Orientação: Prof. Dr. Átila Silva Arruda Teixeira.

**GOIÂNIA
2019**

M919a Motobu, Liliam Vilhena Di César Lima
Aspectos da hipermodernidade em 'Cicatrices do risco
ou crepúsculo das luzes', de Cida Rodrigues / Liliam
Vilhena Di César Lima Motobu.-- 2019.
75 f.

Texto em português, com resumo em inglês
Dissertação (mestrado) -- Pontifícia Universidade
Católica de Goiás, Escola de Formação de Professores
e Humanidades, Goiânia, 2019

Inclui referências: f. 72-73

1. Rodrigues, Maria Aparecida, 1951- - Crítica e interpretação.
2. Literatura goiana - História e crítica. 3. Criação
na literatura. 4. Percepção. I. Teixeira, Átila Silva
Arruda. II. Pontifícia Universidade Católica de Goiás
- Programa de Pós-Graduação em Letras - 2019. III. Cicatrices
do risco ou crepúsculo das luzes. IV. Título.

CDU: 821.134.3(817.3).09(043)

**ASPECTOS DA HIPERMODERNIDADE EM 'CICATRIZES DO RISCO OU
CREPÚSCULO DAS LUZES', DE CIDA RODRIGUES**

Dissertação aprovada em 29 de março de 2019, no curso de Mestrado em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Atila Silva Arruda Teixeira
PUC Goiás / Presidente da Banca Examinadora



Prof. Dr. Eduardo Vieira Gervasio
FASAM / Examinador Externo



Prof. Dr. Divino José Pinto
PUC Goiás / Examinador Interpo



Profa. Dra. Maria de Fatima Gonçalves Lima
PUC Goiás / Examinadora Interna Suplente

Profa. Dra. Gláucia Vieira Cândido
UFG / Examinadora Externa Suplente

RESUMO

Este trabalho propõe uma pesquisa sobre a apreciação de aspectos da hipermodernidade na obra *Cicatrizes do risco ou crepúsculo das luzes*, de Cida Rodrigues. Nesse sentido, esta dissertação estabelece um estudo sobre a criação literária na hipermodernidade, com o propósito de reforçar o desenvolvimento dos estudos docentes e discentes sobre a arte produzida no momento atual no Estado de Goiás. Dessa forma, esta pesquisa será capaz de contribuir para o desenvolvimento do debate acerca desse tema, pois abrange questões como a escrita literária, o despertar de pensamentos, sensibilidades e conhecimentos, além de beneficiar o acesso à diversas informações de outras culturas e ambientes desconhecidos. Como referencial teórico é considerado os estudos de Gilles Lipovetsky a respeito de noções de hipermodernidade; de modernidade líquida de Zygmunt Bauman, entre outros. O resultado deste estudo aponta para uma *personae* literária que transita no caos em busca de si mesmo.

Palavras-chave: Hipermodernidade. Criação literária. Escrita. Sensibilidade.

ABSTRACT

In this study, proposes a research on the appreciation of aspects of hypermodernity in the work *Cicatrices do risco ou crepúsculo das luzes*, of Cida Rodrigues. In this sense, this dissertation establishes a study on the literary creation in hypermodernity, with the purpose of reinforcing the development of the teaching and learning studies about the art produced in the present moment in the State of Goiás. In this way, this research will be able to contribute to the development of the debate on this topic, as it covers issues such as literary writing, the awakening of thoughts, sensitivities and knowledge, and benefit from access to diverse information from other cultures and unknown environments. As a theoretical reference is considered the studies of Gilles Lipovetsky on notions of hypermodernity; of net modernity of Zygmunt Bauman, among others. The result of this study points to a literary *person* who transits into chaos in search of himself.

Keywords: Hypermodernity, Literary creation. Writing. Sensitivity.

“Não tenho forma única. Despi-me do ontem e, agora, cubro-me por inúmeros véus, numa pluralidade de discursos e de cores”.

Cida Rodrigues

“É preciso amar direito, um amor de qualquer jeito; / Ser amor a qualquer hora, ser amor de corpo inteiro”.

Jota Quest

À minha querida, Mestra por Excelência, Cida.

AGRADECIMENTOS

“É preciso amar as pessoas
Como se não houvesse amanhã
Porque se você parar pra pensar
Na verdade, não há”.

Renato Russo

Ao Arquiteto deste Universo, por propiciar-me às infinitas possibilidades desse novo crescimento ao cursar o Mestrado.

À Reika, minha doce filha, doce neném e ao mesmo tempo linda mulher, com uma maturidade diante da minha fruição nos estudos literários, e ao meu encantador genro, que acreditou que tudo daria certo.

Ao meu filho Roberto, bravo homem, doce menino que contribuiu com tantas palavras de incentivo e esclarecimentos sobre as novas tecnologias, e a minha adorável nora, Ana Flávia, que me abrandou nos momentos de desespero.

À minha mãe amável, que me proporcionou uma formação humana diferenciada. Com seus deliciosos cafezinhos em meus instantes de agonia e nos intervalos de escrita, ela me trouxe calma e sabedoria.

À minha alma gêmea, meu Diiiiiiiiimmm que sempre apoiou minhas decisões.

À minha Mestra e doce Cida, Professora Dra. Maria Aparecida Rodrigues, que desde o primeiro instante, com propriedade absoluta, esteve ao meu lado e nunca, em momento algum, se mortificou no tratamento com os mestrandos. Ela me ajudou a reinventar a minha vida todos os dias.

Ao anjo dessa jornada, Dra. Professora Maria de Fátima Gonçalves Lima, que esteve presente em todos os momentos solicitados, sempre me norteando em todas as dificuldades.

Ao querido Mestre, Professor Dr. Divino José Pinto, com carinho, grande coração e ouvinte de minhas palavras e sentimentos. Ele esteve sempre a me ouvir e acalantar-me com doces e suaves emanações, para que eu pudesse conquistar este título.

Ao Mestre, Professor Dr. Átila Silva Arruda Teixeira, meu orientador. Sou grata.

À Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC Goiás, por ter me proporcionado uma nova etapa em minha trajetória acadêmica. Agradeço imensamente à toda equipe da Secretaria.

À Banca Examinadora, que dispuseram de tempo e atenção para o exame dessa dissertação.

À Secretaria de Estado de Educação, Cultura e Esporte - Seduce - pela Licença Aprimoramento concedida.

À FAPEG – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás – Projeto Bolsista, pela acolhida e atenção.

E finalmente, aos meus colegas de mestrado, por fazerem parte de minha vida. Agradeço pelos fortes laços de afeto que nos uniram.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	12
I. A PASSAGEM DAS COISAS NO UNIVERSO CONTEMPORÂNEO	18
1.1. A lua: travessia das fases.....	22
1.2. A Vertigem: busca e entrelugar	28
1.3. O risco: a arte	35
II. O NARCISO EXTREMADO E A MODERNIDADE LÍQUIDA	39
2.1. O espelho enquanto imagens dos “eus”	42
2.2. O eu extremado	49
2.3. O “eu” autoconsumidor	54
III. A METAMORFOSE E O CREPÚSCULO DA LUZES	58
3.1. Metamorfose no jogo artístico.....	61
3.2. Crepúsculo enquanto centro da hipermodernidade.....	64
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	70
REFERÊNCIAS.....	Erro! Indicador não definido.<u>2</u>
ANEXOS	74

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

“O artista é o criador de coisas belas. O objetivo da arte é revelar a arte e ocultar o artista. O crítico é aquele que sabe traduzir de outro modo ou para um novo material a sua impressão das coisas belas”.

Oscar Wilde

Nas vibrações das ondas literárias, rumo ao infinito de possibilidades de leituras, este estudo crítico da escritura artística, visa compreender os seus movimentos. Para isso, traduz o universo de coisas-imagens e seleciona alguns instantes da criação, que se intitula: *Cicatrizes do risco ou crepúsculo das luzes* (2001), da escritora Cida Rodrigues. Semelhante à epígrafe de Oscar Wilde, encontrado nas primeiras páginas de *O retrato de Dorian Gray*, o propósito é descortinar o artístico em alguns de seus instantes, sob a perspectiva da leitura crítica, que pretende ser a tradução da ruptura de gêneros literários na escrita na obra de arte.

O livro de Rodrigues está completamente entranhado, do começo ao fim, de uma escrita/escritura contemporânea, que mais se aproxima da fase atual da modernidade, a que Gilles Lipovetsky denomina de hipermodernidade, em seu livro *Tempos Hipermodernos* (2004). Lipovetsky também trata dessa questão sobre hipermodernidade em outras obras, como em *Era do vazio: Ensaio Sobre o Individualismo Contemporâneo* (1988), e *O Crepúsculo do dever: a ética indolor dos novos tempos democráticos* (1994).

Para Lipovetsky o tempo é um marcador fundamental das diferenças comportamentais do individualismo na hipermodernidade. No momento contemporâneo vive-se instantes de inquietudes, que não podem ser definidos com exatidão, e só neste instante é o que importa. Tal perspectiva pode ser inferida à obra analisada nesta dissertação, como pode ser visto no pequeno trecho: “As horas passavam no seu relógio e ela era o tempo. Tempo de correr. Tempo de colher sombras. O tempo eram as suas palavras. ‘O relógio corria. O suor escorria e as palavras morriam. O instante passava. A lembrança ficava’ As horas voavam” (RODRIGUES, 2001, p. 25).

Essa arte está interligada à brevidade de mecanismos e suportes lineares que remetem ao tempo, os quais se contextualizam no antigo e no advento em formas poéticas, ressignificando os elementos poéticos abreviados, provocando um debate de possibilidades no cotidiano poético e graça aos próprios avanços tecnológicos. Hoje o presente e o tempo são muito mais amplos e acabam trazendo certo domínio sobre o passado e o futuro, apesar da sociedade atual se configurar como efêmera, que está sempre em busca de constantes ensinamentos morais, à procura de si mesmo, da autoconfiança e das mudanças estabelecidas

pela sociedade. Dessa forma, o tempo esvanece, escapa e chega-se à busca incessante das emoções humanas. Sobre a velocidade do tempo contemporâneo, afirmou Bauman (2001):

A velocidade, no entanto, não é propícia ao pensamento, pelo menos ao pensamento de longo prazo. O pensamento demanda pausa e descanso, ‘tomar seu tempo’, recapitular os passos já dados, examinar de perto o ponto alcançado e a sabedoria, a modernidade foi a época que inaugurou a história do tempo, na medida em que criou técnicas e tecnologias para modificar a relação própria do sujeito, como a construção de veículos que se movem mais rápidos que as pernas humanas, que podem diminuir uma viagem; o tempo de correspondência ou o tempo de ataque numa guerra entre duas nações. Diferente do espaço e dos mares, o tempo não tem uma forma fixa, não opera resistências materiais sobre os indivíduos, por isso passou a ser a parte flexível da ligação tempo-espaço. Ele é o elemento que pode ser manipulado, rompido e encurtado. A estagnação da relação entre os elementos espaço e tempo foi estraçalhada na modernidade líquida e passou a ser tida como algo dinâmico, processual. (BAUMAN, 2001, p. 239).

Percebe-se, nas palavras de Bauman (2001), que para se acessar a hipermodernidade, há determinadas características. Uma delas é o rompimento com as tradições, com o tempo, seja no presente, passado ou futuro. A esse respeito escreveram Gilles Lipovetsky e Sébastien Charles (2004):

É com a modernidade que ocorre a ruptura, não para reinserir o presente no cerne das preocupações de todos, mas para inverter a ordem da temporalidade e fazer do futuro, e não mais do passado, o *locus* da felicidade vindoura e do fim dos sofrimentos (LIPOVETSKY, 2004, p. 14).

Para Lipovetsky e Charles (2004), a hipermodernidade aponta, no contexto atual, para uma nova mudança de temporalidade, configurando o que pode-se chamar de “o tempo presente”. Dessa forma, há algo como uma revolução permanente, uma revolução do cotidiano.

Os filósofos franceses pensam a questão temporal da hipermodernidade a partir de uma forma de situar no tempo presente, como o centro de referências das transformações, e por isso, ser e pertencer à hipermodernidade para Lipovetsky é a reformulação dos planos social, cultural e econômico, como resultado da ascensão das novas formas/espécies de consumo, de produção/reprodução e da pulverização cultural-midiática da relação, que ora é construída também pela posse dos sujeitos e artefatos de afirmação hiperindividual.

Tendo o passado e o futuro sido desacreditados, existe a tendência a pensar que o presente se tornou a referência essencial dos indivíduos nas democracias, pois esses últimos romperam definitivamente com as tradições que a modernidade varreu e se desviaram daqueles amanhãs que nem chegaram a enaltecer muito (LIPOVETSKY, 2004, p. 14).

Com a modernidade líquida, quase tudo se tornou descartável, substituível com inovações num tempo relâmpago, pela massificação nas formas da vida dos indivíduos. Por isso, a incerteza paira sobre os indivíduos, como algo timbroso, sempre presente, e por vezes, as pessoas parecem medrosas em relação ao tempo e as razões para o consumo fugaz, de modo que a vida dos indivíduos se tornou melhor neste mundo caótico.

O hiperindivíduo não tem tempo para nenhuma indisposição ao próprio tempo, pois é um indivíduo que não dispõe de horário algum, devido as suas atividades de trabalho, sempre recheadas de pressão. Mas, paradoxal e concomitantemente, esse mesmo indivíduo tem toda a disponibilidade de tempo, caso seja um desempregado crônico, ou seja, só não tem condição de viver esse momento, por ser um desempregado crônico.

Não tendo essa condição de tempo, automaticamente o indivíduo fica fora do espaço de possibilidade para fazer no seu cotidiano algo útil. Além do tempo ser um dominante, ele também pressiona o indivíduo.

Lipovetsky (2005) afirma que “o hiperindivíduo passa por um processo de personalização impulsionado pela aceleração das técnicas, pela administração, pelo consumo de massa, pela mídia, pelo próprio desenvolvimento e pelo psicologismo, leva ao ponto culminante do reinado do indivíduo” (LIPOVETSKY, 2005, p. 8). A obra *Cicatrices do risco ou crepúsculo das luzes*, essa questão é vislumbrada:

O relógio marca o tempo do aposentado: o tempo do salário-miúdo e das filas eternas. Não quero aposentar-me. Não sou máquina e não caio em desuso. Meu tempo é feito de versos quentes: labaredas consumindo mil corpos de desejos. Mão-de-obra barata... Prejuízo... Emprego... Emprego ou subemprego? (RODRIGUES, 2001, p. 25).

A obra de Cida Rodrigues analisada é composta por sete instantes, que por sua vez, estão ligados à criação artística, desde o momento em que essa arte é criada, passando pelas etapas dessa gênese, relacionando à existência não apenas artística, mas substancialmente, da própria vida, com possibilidade para poder ser vista já no título da obra, que a partir da conjunção alternativa “ou”, considera dois títulos: um relacionado com a própria construção da arte, com um risco e uma cicatriz, algo que foi corrompido; e outro, podendo ser pensado como uma fase posterior do capitalismo. Essa construção dual é corroborada no índice do livro, que mostra os instantes como etapas dessa metamorfose:

Instante 1

- O Teatro das Sombras.....11
- Ideias Fixas.....16
- A Dança das Folhas.....19
- O Deslizar das Sombras.....24
- A Lua.....28
- O Araguaia.....31
- A Vertigem.....33

Instante 2

- Novo Dia.....39
- O Risco.....43
- O Emaranhar das Letras.....46
- O Espelho.....49
- A Casa mora na Infância.....52

Instante 3

- A Espera.....57
- Estigmatismo.....65
- (Re)Encontro.....68
- Desejo.....71

Instante 4

- A Metamorfose.....81
- Tecendo o Círculo.....84
- Vermelho Poço Negro.....87

Instante 5

- Crepúsculo das Luzes.....93
- Caos(Abso)luto.....97

Instante 6

- Êxtase.....109

Instante 7

ou

Cicatrices do Risco.....113 (RODRIGUES, 2001, p. 7).

A obra em pauta apresenta um verdadeiro entrelaçamento de gêneros. Há poesia, teatro, conto, misturando textos diversos, apropriando-se de um caráter de rapsódia, que mescla formas poéticas, formas textuais da vida e da sociedade hipermoderna e da poesia visual. Esse livro é o fazer artístico contemporâneo, calcado na hipermodernidade, não sendo totalmente narrativo.

O sujeito-personagem de *Cicatrices do risco ou crepúsculo das luzes* é mergulhado nele mesmo, em uma grande viagem de si descobrir, encontrar-se, em uma verdadeira busca e

experimentando-se na linguagem, assim como a epígrafe indica: “Sou o analfabeto que tenta decifrar as letras que invadem as cidades”. (RODRIGUES, 2001, p. 16).

Há uma poeticidade, ilustrados com textos de propagandas, publicidade, retirados de revistas, jornais, anúncios de promoções de locais de comércios, utilizando uma linguagem comercial de consumo, retratando o capitalismo e suas relações comerciais.

Tudo isso compõe os “instantes”, aparentemente correlacionados a capítulos, fragmentos da vida desse sujeito-personagem que, a partir da junção de letras e da linguagem, se refaz, ou seja, se recompõe com ousadia, transgressão, desconstrução, desvio, estranhamento, invenção, crítica e autocrítica. Ao ler os poemas, sente-se a liberdade de criar, imaginar e encantar.

A verdade é que gosto de coisa com desenhos, como as revistas de modas, de receitas e de decoração. Prefiro um celular, uma secretária eletrônica com fax, carros importados, computadores via Internet, tv a cabo, micro-ondas, vídeo, disco laser, shopping center, desfiles.... Adoro ver manequins indo de um lado a outro, prá lá e prá cá, naquele gingado! ...

Mariana vive num mundo – dentro – do – mundo. Um mundo pago com rico dinheiro do luxo, murado contra o lixo de outro mundo que ele desconhece que, ao mesmo tempo, a oprime e por ela é oprimido.

(RODRIGUES, 2001, p. 102).

Para melhor análise, esta dissertação será dividida em três capítulos: o primeiro, a partir da teoria de hipermodernidade de Gilles Lipovetsky (2004), trata da arte como uma passagem das coisas a um universo complexo, fragmentado e relacionado como inúmeros textos. Concentra-se no aqui e no agora, analisa a inovação do olhar desse sujeito-personagem da obra de Cida Rodrigues, em que se pode explorar as múltiplas facetas do indivíduo contemporâneo em sua transição da arte para a vida, e, dentro desse trânsito, foi selecionado os instantes: “A Lua”; “A Vertigem” e “O Risco”.

O segundo capítulo, “Narciso extremado da modernidade líquida”, está embasado na teoria de Zygmunt Bauman (2001). A partir do mito de Narciso, foi constituído o perfil psicológico do homem hipermoderno, correlacionado ao sujeito-personagem da obra de Cida Rodrigues. Trata de questões que sintonizam várias maneiras de estruturação de uma subjetividade e individualidade, indo ao encontro de um egocêntrico, de um exacerbado individualismo, o “eu” consumista de mercadorias que fomenta o livre trânsito de produtos e serviços, ao mesmo tempo que, apesar da extraterritorialidade atual, impõem barreiras para um fluxo sem constrangimentos a nós mesmos, não tendo vínculo que prendam a qualquer coisa ou lugar, como é na modernidade líquida, ocasionando um complexo estado de

insegurança e adiciona à incerteza atual um desejo de mobilidade, assombrado por uma vontade de estreitar ou sufocar um “eu”, que, por sua vez, se coloca como um problema central para o entendimento das ocorrências corriqueiras e proporcionam o esfacelamento de construções que foram erguidas para ser perenes.

Por fim, o terceiro capítulo, “Metamorfose e o Crepúsculo das Luzes”, aborda o jogo artístico sempre transformando e ressignificando, quebrando os padrões ortodoxos, rígidos de uma literatura tradicional para desenvolver o senso crítico na hipermodernidade. E a partir dos “instantes” escolhidos com propriedade peculiar da referida obra, lidos à luz da concepção linguístico-filosófica, os valores afloram, a exemplo da poética, no intuito de trazer à tona as experiências do indivíduo surgido nos domínios dessa criação encantadora.

Considerando as discussões suscitadas, a perspectiva metodológica deste trabalho é bibliográfica e relativa à crítica literária, no que concerne à hipermodernidade e à modernidade líquida, apresentando caracterização de cunho qualitativo de pensamento, ponderado no estudo científico cuidadoso, que se constitui também um caminho capaz de descobrir fatos intrigantes, inusitados e mais intenso. Por isso, o título dessa dissertação ser “Aspectos da Hipermodernidade na obra *Cicatrices do risco ou crepúsculo das luzes*, de Cida Rodrigues, pois busca se desenrolar nos instantes, elementos e fatos que abrangem ou envolvem o movimento do hiper, do ser indivíduo, do ser completo, da escuridão, da metamorfose, do jogo e do fazer artístico, uma vez que a obra estudada é cheia de cultura e ideias capazes de transformar e alterar qualquer tipo de esforço, ainda que mutável o tempo todo.

I. A PASSAGEM DAS COISAS NO UNIVERSO CONTEMPORÂNEO

“A luz vem do interior... de uma porta que se abre no fundo do labirinto”.

Cida Rodrigues

A escrita rodrigueana é feita de momentos e tem como uma das principais temáticas a criação dos instantes e da reflexão sobre o labor artístico hipermoderno, respaldada sob a necessidade de uma nova visão da realidade.

O centro dessa obra é uma constante mudança, aliada a uma concepção de arte também em transformação. Nessa obra há mudanças entre um lugar e outro, um caos em sua multiplicidade e fragilidade, misturas, modificações o tempo todo, diferentes estilos, a arte da vida, o indivíduo que se autoconsome e a vida com fim trágico.

Construtivamente de forma precisa, a autora faz a poesia, unindo multiplicidade de emoções do corpo, uma atitude perplexa de agonias, anseios, depoimentos de vitórias e derrotas. Trata-se de uma escrita abrangente, que transforma e altera, inclusive há mudanças de narrador no instante que é abordado. A autora insere poemas de caráter construtivista, e ao mesmo tempo traz uma desconstrução, uma desleitura ou desapropriação, pois não tem ficção linear, além de ter, simultaneamente, a presença da prosa poética. Enfim, essa obra traz um olhar alegórico com linguagens próprias, cheios de detalhes, uma visão instantânea, paradoxal, e com uma perspicácia e sagacidade paranormal, em que a autora governa a escrita, a leitura, o riscar e deixar vir a cicatriz:

Não há verdade no Processo. Há verdades. Arte não é ciência! As paredes se rompem. Não existe segurança.... No processo, elimina-se o fascismo, o totalitário... a verdade única! O poder da poesia consiste em explorar as qualidades abertas do discurso. Nele, no Processo, o código não será único, porque haverá maior flexibilidade da enunciação. A palavra é vida e na vida não há segurança, não há paredes. Literatura é o risco do risco.... É preciso riscar o Branco! ... (RODRIGUES, 2001, p. 41).

O sujeito-personagem recusa a condição de poeta e decide por apenas brincar com as palavras, para que as mesmas afaguem ou afoguem as suas dores. Ele sonda, busca, reclama e pesquisa imagens que simulam o presente, o passado e até o futuro, fatos esses pertinentes a condição humana, o direito de ser-indivíduo. Segundo Rodrigues (2001): “Aqui, anunciar é uma experiência tão enriquecedora quanto ler”. (RODRIGUES, 2001, p. 102).

Cicatrices do risco ou crepúsculo das luzes explora o lúdico e o humor, uma verdadeira cadência profética, uma metalinguagem, uma expressão literal de si mesmo,

presente na pluralidade de gêneros, junto a polifonia, que apresenta e discute importantes aspectos contemporâneos, mesmo que seja sutilmente em cada ato na fala da obra, incitando o leitor a aprofundar na reflexão cotidiana em sua transição, especialmente esse indivíduo que busca novos valores e saberes por estar em uma época do hiper.

Dessa forma percebe-se também a intertextualidade, aonde a autora, com propriedade absoluta, faz referências não só de conhecimento do mundo, das culturas universais, como mostra diálogos com outros grandes escritores nas dissoluções e desconstruções de princípios e valores com humor, temperando a eloquência sombria. Ela usa uma linguagem para se autoconhecer e ser compreendida corretamente, e ainda que pode ser interpretada erroneamente. Diante desses preceitos, o pensamento de Bakhtin (2008) faz uma breve explanação de um gênero relativamente estável:

Ao nascer, um novo gênero nunca suprime nem substitui quaisquer gêneros já existentes. Qualquer gênero novo nada mais faz que completar os velhos, apenas amplia o círculo de gêneros já existentes. Ora, cada gênero tem seu campo predominante de existência em relação ao qual é insubstituível [...] Ao mesmo tempo, porém, cada novo gênero essencial e importante, uma vez surgido, influencia todo o círculo de gêneros velhos: o novo gênero torna os velhos, por assim dizer, mais conscientes, fã-os melhor conscientizar os seus recursos e limitações, ou seja, superar a sua ingenuidade. (BAKHTIN, 2008, p. 340).

A autora revela vários descontentamentos da verdade e da realidade do dia-a-dia sem importância e sem valor, de tal modo que é uma verdadeira metamorfose tratada com uma espetacularização refinada, tornando assim a obra uma primorosa contemplação das artes dos “tempos hipermodernos”¹.

Pode-se constatar um avanço na escrita, na qual a imitação torna-se real, mesmo não sendo uma representação, pois substitui adequadamente a realidade dos indivíduos. Assim, a arte e a criação dessa obra hipermoderna, preza pela cooperação e a contribuição do leitor, provocando efeitos de sentidos para se tornar um objeto de consumo linguístico, responsável por dar sentimentos descritos em textos que possuem emoções e causam efeitos e sensações em quem está lendo. A autora acaba por utilizar recursos da poesia para estruturar estrofes e versos poéticos ou trechos narrativos:

Reteve-se durante instantes, não se libertara por completo da espécie de letargia que se apossava dela. Passaram pelos olhos diversas imagens verbo voco visuais, uma cruzou agora... (RODRIGUES, 2001, p. 100 - 101).

¹ *Tempos Hipermodernos*: Título do livro de Gilles Lipovetsky, 2004.

“ **ORACH**
A MORTE NUMA TRAGADA ”

Ele nasceu nos guetos pobres das metrópoles, levando... à morte rápida. Agora chega à classe média, aumentando seu rastro de destruição.”

(RODRIGUES, 2001, p. 100 - 101).

Para as teorias da hipermodernidade, não existe mais divisão entre os gêneros literários, ou mesmo uma formalidade aplicada às artes, bem como no âmbito social e cultural. Assim, conseqüentemente essa obra é considerada ficcional, ou seja, uma criação artística referente a esse homem hipermoderno. É uma obra que insinua e provoca várias interpretações, visões, abordagens e investidas, com possibilidades de novas versões para criar outra realidade. Ela rompe com a hierarquização das ideias, buscando uma concomitância de sensações e desejos pertinentes ao multifacetamento da vida contemporânea.

Esta obra, por sua vez, utiliza palavras portadoras da hipermodernidade com enigmas, prenes de múltiplos sentidos de adivinhações, que são intuídas na sua estruturação. A linguagem utilizada se (re)organiza sistematicamente, revelando sentidos novos e surpreendentes, com palavras lapidadas que se expõem naturalmente nas linguagens, figuras e recursos linguísticos, em que predomina o ritual da desconstrução ou construção poética, a musicalidade no ritmo das palavras, o tom caótico ou o absurdo sem fundamentação. Veja o exemplo:

Sinto o gosto amargo
 Sinto o peito aflito
 Vejo que me apago
 Num vago conflito.

Estou no abismo do poço
 Meu coração rodopia
 Miopia, mias
 Pias
 Pia
 P

Faço, faço e passo
 Fio, fio e fico
 Estou farto
 Estou frio
 Frio
 Fio
 F

(RODRIGUES, 2001, P. 84).

Sendo assim, a obra abrange e envolve intensamente o leitor de uma forma positiva e integradora em relação à hipermodernidade. Este, por sua vez sente-se entusiasmado e incitado para atinar o gosto pela leitura na comparação da obra com a própria realidade.

Há uma busca de sentidos para uma nova comunicação interpessoal entre o autor, sua obra e o leitor, exercendo assim uma influência social que pode levar a prática no ato de agir com uma certa empatia em relação ao outro. Esse entusiasmo, apesar de existir, está presente apenas como jogo de palavras para aflorar emoções e trazer energias que (re) constroem uma gama de desejos, crenças, lealdade e tolerância.

Desperta-se assim, um sentimento de força interior, e o leitor sente-se bem, e ao mesmo tempo, mantém as expectativas otimistas em relação a esse fazer linguístico:

Caminhando pelas ruas, pude ver um aglomerado de sombras amareladas que se moviam de um lado a outro, em um compasso ritmado, contínuo, embora disforme. Enfileiravam-se e sobrepunham-se sem, contudo, nunca se fundirem. Houve momentos que eu as via tão próximas que imaginei ver, em muitas, uma única. Será, Deus, possível! Apesar de terem o mesmo olhar, os mesmos passos e o vazio das expressões, repeliam-se. Ou temiam-se! Quanto mais se juntavam, mais se afastavam. Dir-se-ia mergulhadas na SOLIDÃO. Quando estavam sob a luz do sol da tarde, alongavam-se até ficarem pedra sobre pedra. Ao meio-dia, achatavam-se e entornavam-se menores do que eram. Afastando o Sol, voltavam aos seus minúsculos tamanhos – sisudas, insípidas, sem cor. Suas vozes inúmeras se confundiam. O que se podia distinguir eram os zunzuns desconexos e reiterados de algumas, somadas aos ensurdecidos, estrondosos e estridentes sons das máquinas. Em uma indescritível sensação, pressenti que a solidez só seria possível na mudança. (RODRIGUES, 2001, p. 24).

Tece então, algumas considerações da teoria da hipermodernidade conduzida na estruturação da obra estudada de Cida Rodrigues, tanto na composição dos instantes/capítulos dessa narrativa, quanto em trechos específicos, como exemplificados abaixo:

É preciso correr o risco de desaprisonar
Das amarras do patriarcado.
Tornar-se sujeito.
Romper o silêncio
Da “zona sem cultivo”.
Desenhar as imagens distorcidas
Do mundo pelas metades,
Nas paredes dos labirintos.

É preciso fazer verso com as palavras-imagens
De nosso tempo:



Criar... criar, na cegueira histórica,
Espirais deslumbrantes. (RODRIGUES, 2001, p. 68 - 69).

Mencionada algumas considerações da hipermodernidade de acordo com a roda viva citada acima, ressalta-se que neste caracol de letras desperta uma mudança na leitura, levando um desejo de instigar o leitor a embriagar-se na profundidade dos sentidos e descobrir: a favela, favela chique (etiqueta) ou pobre? TV, com ou sem poder de escolha? Pois, no momento em que o indivíduo segue a programação, torna-se limitado, mas quando o indivíduo busca e passa a escolher, pode haver ou não mudanças, no momento quando muda o canal, passando assim a selecionar aquilo que deseja para sua transição interior.

“Sou uma TV que capta e reproduz imagens e sons. Imito o já imitado” (RODRIGUES, 2001, p. 101), assim fazendo uma releitura da roda, do emblemático acima, ela projeta o ouvir e ver, o vídeo, o belo, o sexo, o feio, o chulo, o rico, a droga, corrupção, a fome, o Hamburg, vírus, porra, camisinha, um verdadeiro caos dentre outros fatores nesse mundo hipermoderno, com mudanças e interferências tecnológicas, no percurso crítico insistidos pelas necessidades dos indivíduos. Dessa maneira, a roda insita o entendimento e a adaptação, mesmo havendo o desequilíbrio e a confusão da era hiper.

1.1. A lua: travessia das fases

“Chegou meia lua, se fez lua nova.... Partiu lua cheia!”
Marcelo Barra

O diretor da Revista Oasis, Luis Pellegrini, afirma: “Num mundo pragmático dominado pela ciência cartesiana, existem muitos que são capazes de jurar pelo poder da Lua. Mas, pesquisas científicas recentes revelam que nem tudo é ficção no mundo da Lua” (REVISTA OÁSIS, nº 126, p. 2).

A lua está em constante movimento de translação. O lado iluminado, por exemplo, pode ser alterado em sua configuração de cada dia. Esse fato é nada mais do que as suas fases,

o que se entende que nem sempre tem a mesma visão, pois mesmo não tendo luz própria, ela brilha em seu silêncio. Rodrigues lembra da importância do silêncio no trecho: “As sombras começavam a se desintegrar visivelmente. No escuro, elas não existiam. Fugiam apressadas. Tropeçavam-se cegamente. ‘Menina, menina... Aonde você se escondeu?!’ Ficava calada, fingindo não ouvir...Silêncio!” (RODRIGUES, 2001, p. 27).

Existem alguns aspectos nas fases da lua, e um deles é a iluminação. Esse aspecto de iluminação exerce determinado tipo de intervenção sobre os indivíduos, permitindo compreender melhor as fases lunares. Essas fases são ciclos sincronizados que podem ser vistos de qualquer lugar, sob a iluminação de outro sistema, dentro de seus mistérios e segredos.

Em tempos que a lua se ofusca diante da luminosidade deste outro, para poder dar espaço para o outro surgir, Dantas (2018) esclarece que: “Como sabemos, a lua não possui luz própria, por esse motivo, o que diferencia basicamente cada uma de suas fases é justamente a iluminação solar”. (Publicado por: Tiago Dantas em Geografia Física, em mundo Educação/2018).

Em outra época a lua se mantém calada e perene, para se igualar diante das diferenças, já que no outro aspecto ela se ilumina completamente para oferecer preceitos a um observador, e ao continuar com sua mutação, seu movimento atinge uma situação onde há uma iluminação poderosa, novamente para qualquer ser com sede de informações ou troca de conhecimentos. Esse lado de troca de iluminação, altera a sua configuração a cada instante, fatos que acontecem alternadamente de tempos em tempos. A lua alegoricamente ao indivíduo hipermoderno, coincide com a transição entre fases, podendo considerar o ponto de vista de Bauman (1998):

A modernidade Líquida é a impossibilidade de permanecer fixo. Ser moderno significa estar em movimento – como não se resolve necessariamente estar em movimento, não se resolve ser moderno. É-se colocado em movimento ao ser lançado na espécie de mundo dilacerado entre a beleza da visão e a feiura da realidade-realidade essa se enfeiou pela beleza da visão. (BAUMAN, 1998, p. 92).

Assim, os movimentos da lua se tornaram turvos, nebulosos e horrorosos, mas por outro lado, existe a beleza da lua no momento do eclipse, momento este em que se envolve num espetáculo maravilhoso, porque ela fica entre a terra e o sol, causando uma contemplação surpreendente. É um processo de encobrimento da lua pela sombra. Nessa ocasião a lua deixa que outro dê sua luz, um fenômeno ocasional, assim como a leitura da imagem, a arte da vida esclarecendo, que mostra a congruência do saber infinito. Vivencia-se esse fenômeno no trecho da obra de Rodrigues:

A Lua ficou olhando-a à distância e as luzes dos refletores mantiveram-na viva. Quando, enfim, conseguiu acomodar-se em um dos poucos bancos que restavam, abriu a janela e deu-se com a Lua que a acompanhava solene, vibrante. Uma alegria intensa apoderou-se do seu corpo grudado. Respirou aliviada. A vida escorria em seus ossos, em seus músculos. (RODRIGUES, 2001, p. 29).

Nesse sentido, Bauman (1998), afirma que: “nesse mundo, todos os habitantes são nômades, mas nômades que perambulam a fim de se fixar em fase do luar. Com novas frustrações e novas esperanças ainda não destroçadas” (BAUMAN, 1998, p. 92).

Percebendo esse raro fenômeno esporádico, por ser o elo em um mundo de constante transformação, Charles (2004) acredita que: “Jamais uma sociedade favoreceu uma autonomia e uma liberdade individuais tão amplas em seu exercício, jamais seu destino se encontrou tão estritamente ligado aos comportamentos daqueles que a compõem”. (CHARLES, 2004, p. 65).

Nesse mundo de transição deve-se analisar a capacidade do indivíduo em dominar os valores morais, assim como as atitudes comportamentais que a sociedade contemporânea impõe a este, uma suposta liberdade sem responsabilidade, claro que dependendo da consciência de cada indivíduo. Sendo assim, consiste também em uma transição na qual o indivíduo sofre, e a tensão permanece quando o mesmo busca a competência naquilo que se propõe em descobrir. É um profundo senso de busca de identidade, assunto universal em que todos os indivíduos concentram seus interesses.

Essa atmosfera de transição, relacionada a construção da arte, pertinente a contemporaneidade, conexas a cada indivíduo, em um súbito desejo de sentir a passagem das fases da lua. Nos momentos em que se explora muito bem o ímpeto por novos mistérios para entender melhor os porquês das fases lunares, sabe-se que essas fases podem interferir no interior, em que o indivíduo busca firmeza do seu ser, estar e ter, para se descobrir. Com apropriação, nesse sentido a autora indaga e afirma:

Ela continuou imóvel, apenas os pensamentos se movimentavam confusos: “Conteúdo... Forma. Forma... Conteúdo. Este todo mundo tem. Tem ou não tem? Ter não é ser, mas para ser é preciso Ter. Precisa ou precisa? Absurdo! Absurdo! Absurdo! Absurdo! Obscuro era o novo emprego. Suspeito... pretende-se um novo emprego. O moderno sufoca-se de luzes. É necessária sombra”. O sistema impunha-lhe trabalho, muito trabalho. (RODRIGUES, 2001, p. 44).

A precisão ao criar uma obra ímpar, mostra a mistura das formas poéticas e das formas textuais da vida e da sociedade contemporânea, para desvendar também a poesia visual em que evocam sentimentos de descoberta com uma visão excepcional e uma vivência profunda

dos acontecimentos cotidianos dos indivíduos contemporâneos, o que leva o leitor a uma visão ampla de se abrir e conhecer sentidos pertinentes a essa sociedade.

O instante “A Lua” aborda uma viagem, destacando momentos onde suas letras lapidadas, tornam as escritas cada vez mais tensas com gritos e dores.

Um som longínquo, sugado das entranhas e vibrante... “Quando lá no céu surgiu uma pequenina dor...” A música metamorfoseava-se, repentinamente, em gritos que subiam as paredes dos prédios, penetravam as sombras e as máquinas que transitavam, num só compasso, desnudo, intenso e frio, friíssimo. Mergulhou-se por inteiro. A cantiga e as imagens inundaram-na. Incorporaram-se a ela. (RODRIGUES, 2001, p. 28 - 29).

Aos poucos, a lua vai deixando de ser branca e o brilho da visão se mistura nas luzes dos refletores, acompanhada de uma lua majestosa, imponente e vibrante. A verdadeira natureza física, consumidora de um começo sem fim, cúmplice de uma visão silenciosa e única, lançando as fases aos ventos e cores para se misturarem ao manchar o infinito, resultando do fato de que ela não é um corpo luminoso, mas nas fases em que segrega, expele até o tempo acordar e passar a ser um corpo iluminado, em que aparece outro personagem – o Sol, resultando do fato que a lua não é um corpo luminoso e sim iluminada pela luz do sol.

A face iluminada da Lua é aquela que está voltada para o Sol. A fase da lua representa o quanto dessa face iluminada pelo Sol está voltada também para a Terra. Durante metade do ciclo essa porção está aumentando (lua crescente) e durante a outra metade ela está diminuindo (lua minguante). Tradicionalmente apenas as quatro fases mais características do ciclo - Lua Nova, Quarto-Crescente, Lua Cheia e Quarto-Minguante - recebem nomes, mas a porção que vemos iluminada da Lua, que é a sua fase, varia de dia para dia. Por essa razão os astrônomos definem a fase da Lua em termos de número de dias decorridos desde a Lua Nova (de 0 a 29,5) e em termos de fração iluminada da face visível (0% a 100%). (<http://astro.if.ufrgs.br/lua/lua.htm>). (*Kepler de Souza Oliveira Filho & Maria de Fátima Oliveira Saraiva*).

Então, pode-se dizer que o personagem sol determina as fases lunares, momento propício para decidir e desafiar a travessia de si mesmo, como mostra o poema a seguir:

Manche meu corpo
Como a Lua mancha
O azul celeste
Para sempre fazê-lo diferente.

Coloque um ponto negro
Nesta imensidão branca
Que me torna esse uni
Verso
Mudo e frio.
Recobre-me de veias
Para que seu sangue
Escorra em mim feito as pesadas
Águas da cachoeira no poço
E deixa o sol refletir-se nas sombras

Como nunca eterna eclipse
 Para que eu, também, me torne
 Sempre outro a cada
 Ato de leitura.

Manche, manche meu corpo branco
 Como as águas mancham o verde das matas
 E o sangue mancha seu corpo em febre.

Mergulhe por inteiro
 Em minhas águas...
 Mova em círculo para que, completamente zozzo, possa revelar as múltiplas
 Faces que segrego!

Mas...
 Manche, manche meu corpo de azul
 E torne-me Lua...
 Universalmente Sua... Nua... Rua... (RODRIGUES, 2001, p. 29 - 30).

As constantes transições ocorridas no indivíduo nesta fase do hiper em que ele busca algo novo, deduzindo ser o melhor para si, ou quando a sociedade estabelece a maneira que esse indivíduo deve ser, para atender as necessidades da própria sociedade, e assim, vai estilhaçando o ritmo do indivíduo, de tal modo que a travessia das fases o deixa exausto, sem sentido, sem um norte nas questões universais, como o amor, a amizade, obsessão, o consumo psicológico ou material, tornando-o um mecânico/máquina/robô.

O leitor encontra ânimo nesta obra para refletir sobre essas transições e percebe situações desesperadas de uma maneira que o indivíduo fica pasmado ou passa por condições ultrajantes, extremistas de críticas, tornando a vida intolerável, cujo propósito consiste em se adaptar nessa nova sociedade do hiper, além de chamar atenção para o cotidiano presente na literatura contemporânea, em que a autora concebe quando ela menciona no instante do “Novo Dia”, a perda de si mesma:

Sentia-se num turbilhão de inovações ilimitadas. Cada célula tornava-se independente do resto do corpo. Cada partícula de célula dividindo-se em milhares de partículas ainda menores. Tudo escorregadio e frio... friíssimo. Enlaçou-se em si mesma. Temeu perder partes de suas partes. A ausência de uma delas significava um perigo. Era o mesmo que romper o equilíbrio do todo. ‘Como criar personagens homogêneas – braços autômatos, mãos sem cérebro para a produção e o consumo?’ Sabia que isto era pura ingenuidade materialista. ‘Onde está a lógica? No lucro fácil, é isso: no lucro fácil. Tudo é processo.’ Discordava da natureza lucrativa da criação. Dizia que esta possuía uma necessidade universal e mais profunda do espírito. Sentiu, então que era preciso ir além da retórica e destruir o conhecimento coisificado: burotecnicismo. (RODRIGUES, 2001, p. 39).

Por mais que se esteja claramente diante de dois títulos distintos, o êxtase que se sente é prezado pela simplicidade presente nesta obra, em que explora ao máximo a mente de seu leitor. É uma verdadeira vibração de perfeição, que remete ao pensamento de Bauman (2005), quando diz que: “A fragilidade e a condição eternamente provisória da identidade não podem

mais ser ocultadas. O segredo foi revelado. Mas esse é um fato novo, muito recente”. (BAUMAN, 2005, p. 36).

É importante ressaltar que, nas travessias da “lua” na obra, há ainda momentos em que explora muito bem a ousadia do indivíduo por novas descobertas, as quais indicam um saudosismo, uma dor, o ser frágil, a irritação, sofrimento, uma mancha e ao mesmo tempo uma alegria intensa em sua escrita. Causa muito impacto ao identificar esse pormenor, pois, adquire-se força em algo que realmente acredita para sempre trilhar o próprio caminho. Assim também é a lua e suas influências, exercendo constantemente um despertar de sentimentos extasiantes para se criar na arte, na poesia e para os enamorados.

Portanto, desde que o indivíduo principiou a observar o ambiente em que se vive, uma das conclusões arrebatadoras que se chegou, era que as fases da lua interferem na vida cotidiana das pessoas, passando desde então, a se relacionar com mais afinidade com outros indivíduos, advindo quase que precisamente com as fases lunares, acrescido de crenças e superstições sob a influência da lua, como por exemplo, se a lua interfere no crescimento ou queda capilar, perturbações durante o sono, se altera o humor, na sexualidade, desejo, fantasia, fertilidade, ou até mesmo nas investidas agressões.

Por outro lado, se observar a sensível onda luminosa emitida pela lua, “inúmeros outros animais, sobretudo insetos e batráquios-antigo nome da classe de vertebrados que hoje tem o nome de anfíbios”, (<https://www.dicio.com.br/batraquios>), vê-se certa preferência nas noites de lua cheia para seus ritos de sedução e acasalamento.

Transbordaram seus músculos de estremecimentos e seu cérebro de agudo êxtase [...] Buscou ainda uma vez o orgasmo daquele momento [...] Desdobrou-se. Os movimentos de rotação e translação mantiveram-na estática, presa ao Sistema. Tentou atravessar os seus próprios limites. Deu-se por vencida. Fragmentou-se ainda mais. Viu, no alto, a lua manchando o azul do céu. Pretendeu retornar às paredes de sua casa e manchar de azul o papel de sua escrivãzinha. O vento teimava em assobiar em seus ouvidos. Irritou-se: A Lua nasce Nova e morre cheia. Estava Lua... Estava Cheia... (RODRIGUES, 2001, p. 28 - 29).

Dessa forma, o indivíduo é então influenciado pela lua em sua totalidade de transição, de reflexão das influências de um sistema rígido, mas que estando na era do hiper, busca novas possibilidades. Dentro dessa nova era, é interessante registrar as palavras de Drummond (2008): “Eu não devia te dizer, mas essa lua, mas esse conhaque, botam a gente comovido como o diabo...” *Carlos Drummond de Andrade*. (DRUMMOND, 2008, p. 477).

1.2. A Vertigem: busca e entrelugar

A incerteza é o habitat natural da vida humana – ainda que a esperança de escapar da incerteza seja o motor das atividades humanas. Escapar da incerteza é um ingrediente fundamental, mesmo que apenas tacitamente presumido, de todas e quaisquer imagens compósitas da felicidade.
Zygmunt Bauman (1998).

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman (1998), utilizou o conceito de “Modernidade Líquida” ou “Pós-Modernidade” como forma de explicar os processos das relações sociais na atualidade.

Com os avanços tecnológicos, hoje o presente é muito mais amplo e acaba trazendo um domínio sobre o passado e o futuro, apesar de muitos se conformarem com uma sociedade transitória, que está em constante busca pela tecnologia, pela saúde, felicidade e pelo sentimento com o passar do tempo, que ofusca e está intimamente ligado com as emoções humanas. A vertigem nesse instante, ainda que possa escapar, torna-se uma passagem penetrante em que o indivíduo busca incansavelmente o seu autodescobrir, seja um homem real ou irreal, estando alegre ou triste. Bauman (1998), afirma que: “É por isso que a felicidade ‘genuína’ adequada e total sempre parece residir em algum lugar à frente: tal como o horizonte, que recua quando se tenta chegar mais perto dele” (BAUMAN, 1998, p. 39). É por esse motivo, que o indivíduo, incessantemente, vai atrás da esperança de encontrar a tal felicidade “genuína”.

O instante “um” na obra, que subdivide em Vertigem, tem efeito poético que estabelece uma influência na existência real dos sonhos e da aquisição, os quais se materializa poeticamente no eu lírico. Há ainda uma mistura, traduzindo uma vida passiva e rotineira, dentro de uma multidão que vive no ritmo tecnológico e omite o seu próprio viver. É no silêncio que se expressa os anseios solitários que acatam as pontes que ligam o querer e o poder, o sentir e o ter, e leva o eu lírico a perder-se da realidade pelos trajetos das palavras, convertendo assim num jogo de apoio aos sentimentos, ou em uma saída da realidade, vagando pelas palavras singelas.

As fagulhas foram se expandindo e desdobrando. A oposição e a integração, cada vez mais lastreadas de sombras-imagens, fundiram-se. Era necessário concretude. A poesia, porém, escapava-lhe facilmente. Esforçava-se por articular por paradoxo, a fim de que as palavras mais simples fossem denominadas e pudessem se converter num construto, gerando a música de pensamento - real e duradoura, de compreensão intuitiva do sentido da vida. Viagrou no tempo e no espaço sem, contudo, mover um único dedo. Pensou na própria existência. Não soube o que mais a encantava, se a desconcertante opacidade da existência ou se a certeza obscura da morte. Achava mesmo que a primeira era-lhe uma busca constante de ... de desejo.

‘Que seria do homem se não fosse o desejo?’ Nesta última palavra vivia a esquisitez do momento: a verdade está solta no ar. A segunda (a da morte) não possuía grandes segredos, aliás, os que existem são semelhantes à esperança que, para muitos, representa uma forma de sobrevivência, um meio de manter a chama do desejo. Para ela, tentar criar era cumprir o próprio destino de Sísifo. Era o percorrer desesperadamente, tropeçando aqui, caindo ali e chegando definitivamente no vácuo – como as poesias dos loucos. Por vezes, acreditava que sua vida era uma mera ilusão do desejo, a completude do gozo: uma vertigem. (RODRIGUES, 2001, p. 34 - 35).

Vertigem: “Seria a poesia um estado de vertigem ou a manifestação pura do desejo?” RODRIGUES (2001, p. 33), uma sensação, desequilíbrio, um balançar do corpo, pensamento e sentimento, um desejo irresistível, uma passagem, o estar entre lugar, o real para o irreal, do alegre para o triste, é estar na adversidade, é o intervalo do instante, é o jogo dos contrários: como a luz *versus* sombra, divido *versus* multiplico, preto *versus* branco, parte *versus* todo, afirmo oposição nego, frio quente, amor ódio, uma verdadeira representação das contradições, um mundo de dualidade o qual traça o perfil psicológico do indivíduo hipermoderno, num processo de condição descentrada em relação à duplicidade, que por outro lado, o abrir e fechar os olhos poderia ser também nascer ou desfalecer, visto na expectativa do costume corriqueiro dos homens contemporâneos. Bauman (2001), salienta que os indivíduos são incentivados a tomarem postura na vida social por serem livres para agir e ser eles mesmos:

Sem serem instigadas, pressionadas ou induzidas a tirar as máscaras e “deixar-se ir”, “expressar-se”, confessar seus sentimentos íntimos e exibir seus pensamentos, sonhos e angústias. Mas também significa uma cidade que se apresenta a seus residentes como um bem comum que não pode ser reduzido ao agregado de propósitos individuais e como uma tarefa compartilhada que não pode ser exaurida por um grande número de iniciativas individuais, como uma forma de vida com um vocabulário e lógica próprios (...) salienta a forma como os desejos e reações individuais acabam se expressando na esfera pública dos elementos modernos, através do compartilhamento de informações, de códigos, no que define como “espaços públicos” nos quais os indivíduos interagem com sua linguagem e estabelecem a comunicação, e ao mesmo tempo, seguem construindo-as graças a um espaço que se constrói não apenas puramente físico, mas, principalmente, no campo das interfaces tecnológicas, ricas em ferramentas que possibilitam, incentivam e propiciam os indivíduos a exercerem suas posturas sociais até mesmo em expressar-se, confessar seus sentimentos íntimos e exibir seus pensamentos, seus sonhos e suas angústias. (BAUMAN, 2001, p. 112).

Nas contradições e na investigação do indivíduo angustiado, a obra propõe uma viagem que, na verdade, é para o interior de si mesmo, à procura de mudança e movimentação para se abrir e conhecer o universo em sua plenitude. Com audácia e bravura, ocorre uma transição com esse indivíduo, e o mesmo precisa ter insistência para vencer essa mutação interna, que muitas das vezes já estão escondidas ou sufocadas por ele mesmo e pela sua longa jornada de busca.

Amanheceu pensando fazer uma viagem. Presentiu viver em uma enorme casa desconhecida. Sentia-se inundar por multidões desordenadas de letras e sílabas... esvoaçantes... soltas no ar. Sufocada, não conseguia viver o silêncio dos animais. Rios corriam-lhe pela face. Mãos trêmulas... vozes, muitas vozes estranhas escondiam-se nos inúmeros espelhos de sua habitação. Prosseguir... era preciso prosseguir. A viagem agora era inevitável! Sabia, porém, que empreendê-la pressupunha muita coragem, mudança, persistência. O penúltimo signo jogava-a para o abismo. Tinha que buscar o novo, o diferente, o parecido e nunca o igual. [...] tudo significava renovar, mover, morrer. Mover e riscar... morrer... viver... tentava e tentava... tentava e temia e tremia e teimava. (RODRIGUES, 2001, p. 11).

Com “letras brincando de pique-esconde”, Rodrigues (2001), essa prosa sem título, vem entrecortada de poesia, e esta, por sua vez, exibe-se de forma mais tradicional, com versos rimados, raramente poetados, prevalecendo o verso livre, estabelecendo e utilizando o espaço central das páginas do livro.

Quero o silêncio
 O silêncio do mar
 O silêncio das águas
 O silêncio do vento
 O silêncio da terra úmida
 O silêncio das plantas

Quero o silêncio
 Mudo,
 Surdo
 O silêncio que fala
 O silêncio que ouve
 O silêncio do olhar
 O silêncio do grito dionisíaco!

Quero o silêncio
 O silêncio da perda
 O silêncio do encontro
 O silêncio do gozo
 O silêncio da dor
 O silêncio do amor
 E o silêncio do ódio!

Quero o silêncio
 O silêncio da música
 O silêncio do ruído
 O silêncio apolíneo
 O silêncio shakespeariano
 O silêncio absurdo
 O silêncio profundamente escuro
 O silêncio do silêncio!

Eu quero escutar o silêncio,
 Só o silêncio,
 Mais nada!

O silêncio é a expressão de tudo e eu cobiço o silêncio...”

 Quero o silêncio
 O silêncio do mar... [...]
 [...] Eu quero escutar o silêncio,

Só o silêncio, mais nada!
 [...] Letras brincando [...]...[...] sons rasgando [...]...[...] tudo descontínuo [...]...[...]
 fascinava [...]...[...] esperou...esperou...
 (RODRIGUES, 2001, p. 33 - 34).

Nessa escrita aparece a ruptura do gênero literário, quebrando os dogmas para obter um resultado inevitável da hipermodernidade, no qual o indivíduo é envolvido por ele mesmo, livre de burocracia, descomplicado, sem se preocupar em reorganizar as palavras, saindo da realidade na qual vive conflitos inerentes à sua época, como ocorreu em todo o processo de evolução da existência. Dessa forma, essa obra traz novas perspectivas e novas diretrizes ao leitor, colocando nessa leitura, poesia, conto, teatro, dramaturgia, um universo rico em palavras, com o objetivo de explorar o indivíduo hipermoderno em sua criação de personalidade para buscar e mostrar as suas transformações.

Fechou as pálpebras suavemente, va-ga-ro-sa-men-te. Teve medo de acordar o silêncio. Sentiu-se mergulhar no acaso, na estranheza. Misturou-se em fagulhas de vida. Percebeu ser possível. Acreditou...era preciso estruturar... a concretude nasce na opacidade, no vago, na teimosia de quem a procura. O discurso se fez no jogo das recorrências. As fagulhas foram se expandido e desdobrando. (RODRIGUES, 2001, p. 34).

É com essas inquietações que surgem ideias diversificadas, próprias das letras, na construção artística falando entre si, como nas citações das epígrafes, que remete a personagens diferentes da própria obra. Além disso, analisando a obra em um todo, sua composição traz a poesia, o teatro e o conto, uma mistura de texto, um espaço por excelência da "vertigem", do sofrimento, da iminência da morte, confinados à morte, o enfrentamento da morte, da espécie de lugar-tabu, de lugar-purgatório, do momento difícil de transição do indivíduo, a presença do silêncio, do abismo e da constatação inapelável da vulnerabilidade e fragilidade humana, expressadas na arte da vida.

Homens-poetas
 Arquetando monstruosos
 pesadelos
 Vermes sangrando no abismo.
 Do desvario, move-se
 O Silêncio!...

Repetidas formas, mas sempre palavras sangrando no abismo. Desejou ordená-las. Não conseguiu. A luz amarelecida da lâmpada não mais pôde contê-la. Seus olhos cerraram-se. Seus pensamentos se misturaram aos sonhos e o imenso novelo de energia se desfez. (RODRIGUES, 2001, p. 36).

A energia que se vai, as esperanças que se fragmentam, resta colocar em prática o reforço por articular o paradoxo, com a finalidade de que as palavras mais simples fossem

denominadas, e que assim pudesse converter num construto de compreensão intuitiva do sentido da vida, já que o medo, a fragilidade e o sentimento domina o indivíduo hipermoderno em sua totalidade extremosa.

Nietzsche (2001), nos advertia: “o homem moderno tomado aqui em sua lógica hipermoderna, é uma corda estendida sobre um abismo e ele precisa enfrentar vários perigos. O perigo de atravessar, o perigo de se pôr a caminho, o perigo de olhar para trás, o perigo de tremer e ficar no lugar”. (NIETZSCHE, 2001, p. 53).

Diante dessa advertência, o mais sensato a se fazer seria acalentar as angústias nas decisões complicadas em que existe sempre uma “Escolha de Sofia” (1982), juntando tudo com pedaços da verdade, com fragmentos da falsidade, ativos, que não deixam o indivíduo resolver e se impor nessa época hiper, quando existe um perigo eminente, porque o mundo tem pressa e a vida acelera. Lipovetsky (2004) afirma que:

A sociedade hipermoderna é uma sociedade esquizofrênica em que convivem uma sociedade hiperfuncional, funcionalidade da técnica, da ciência, que trabalha cada vez mais critérios mensuráveis, de eficácia e operacionalidade, da rapidez, do aqui e agora, o impedir de encairmos numa palavra ou conceito e perdermos anos de nossas vidas. (LIPOVETSKY 2004, p. 36).

Nessa era “hiper”, a própria mudança acontece nas questões mais importantes, e essas são apontadas para se ter precisão no pensar da socialização da conjuntura do hiper, em situações pertinentes nas transformações da natureza, da vida, de uma história, da existência e da transição alarmante.

Essas transformações despertaram a sensibilidade, surgindo assim, um novo tipo de indivíduo, cuja personalidade se qualifica cercada de uma aparente estabilidade, ou que esteja dentro de uma crença subjetiva, numa origem comum, e que une distintos indivíduos, apresentando uma oposição peculiar e uma compreensão de pensamento dessa sociedade hiper.

Estar na busca constante de ser, onde tudo é *versus* não ser, é estar *versus* ausente. Tudo isso são contradições pertinentes da busca de si mesmo, é um desejo que não se sente e o êxtase que alcança, até o pensar e o sentir, são frutos de uma cultura descartável, que cria comportamentos disfuncionais no tempo desperdiçado.

O que caracteriza o nosso tempo, povoado por mônadas insensíveis e independentes, é a existência de relacionamentos interindividuais sem apego profundo, com independência afetiva unida a um complexo vazio emotivo interior, cada um vivendo num bunker de indiferença, ao abrigo das próprias paixões e das dos outros.

Sustenta que quanto mais se desenvolve as possibilidades de encontro, mais os indivíduos se sentem sós; quanto mais as relações se tornam livres, emancipadas das antigas restrições, mais rara se torna a possibilidade de conhecer uma relação intensa. Por todo lado, há solidão, vazio, dificuldade de sentir, de ser transportado para fora de si mesmo. (LIPOVETSKY, 2005, p. 57).

Isso é uma ironia que faz surgir da alma humana, às vezes a autora define isso como razões do destino, dando lugar às manifestações instintivas ou comportamentos irresponsáveis, que causam um verdadeiro caos. A desordem da mutação do ser, está cada vez mais marcada pela fluidez, pela flexibilidade, pelo aumento considerável da maleabilidade da vida, pois o real da vida parece não fazer sentido, uma restrição que envolve o ser humano.

Na escrivania da sala em que eu trabalhava, recordava-me da sombra. Tentava divisar-lhe os traços. Eles se alongavam e se diluíam no ar. Tudo ao meu redor sofria o processo de alongamento e posterior redução. As faces e-va-po-ra-vam-se. Restavam me rabiscos, muitos rabiscos. Rabiscos a lápis comum ou um orgasmo seco, um beijo frio. Meus olhos me confundiam – turvam-me os sentidos. Via o rabisco se reduzirem em objetos e seres liquefeitos, entre o amarelo e o verde: podre! Isso, tudo podre. (RODRIGUES, 2001, p. 26).

Hoje, com a hipermodernidade, a mídia propaga mais anseios e expectativas, com uma tendência prazerosa, que é o “Desejo/‘Instantes’” da realização íntima do indivíduo, que está cada vez mais radiante, com um esplendoroso desejo de consumação individual. A pós-modernidade e a hipermodernidade, corresponde a era do vazio, a fuga de lucidez em relação à questão do indivíduo hipermoderno. A autora da obra defende a experiência de duas faces do individualismo na era do hiper, questão em que exemplifica: “Que horror! Umas comem as outras. Não, não me sinto em condições normais. O stress piorou meu estado estigmático. Estigmático?! Loucura, loucura”. (RODRIGUES, 2001, p. 65).

Na hipermodernidade os indivíduos estão em condição de excesso, literalmente na era do hiper, do exagero, no exagerado consumo, stress e desgaste emocional que busca cada vez mais ser e estar em melhores condições. O hiper incita o fazer tudo ao mesmo tempo, com perspectivas de fazer em tempo recorde, numa eterna competição de ousadia, querendo sempre mais. Com um jeito simples e com lógica, o indivíduo descomplicado, mostrando seu domínio e sua capacidade nessa nova era.

Há também aqueles indivíduos que se sentem fracassados, excluídos, presentindo perturbações, inquietações e até mesmo sendo estimulados a chorar ou rir. Hoje é comum comportamentos desequilibrados, com altos e baixos, extremistas, nos excessos de tudo, incitados talvez por livros, peças teatrais, filmes, novelas, tragédias e noticiários. O indivíduo

nos dias atuais sente-se padronizado, mas ao mesmo tempo despertado para o prazer, saber e ter. Com ou sem inquietações, as informações que estão acessíveis a todos, englobam o sistema. Nesse sentido, o desejo é falado pelas profundas palavras da autora:

Porque, diabos, pensou contrariada sofro todas estas inquietações por causa de águas passadas e me preocupo eu desta maneira com a língua dos outros? Deus meu! É isso, concretamente ‘águas passadas não movem moinhos’. Tudo são reminiscências. O passado está retido na memória do presente e só a língua poderá expressá-lo para o futuro. Bobagem... as pessoas consomem seu tempo constantemente com tolices. Corrompem suas casas com estupidez. Queimam o princípio, a primeira palavra..., mas que palavra poderia eu usar para demonstrar o meu desgosto? Elas me escapam dos dedos, da língua, do coração. (RODRIGUES, 2001, p. 54).

Viver a vida em extremo, denota vivê-la até o limite. Cada alma e ser compete escolher uma maneira ou jeito específico de viver nesse ambiente tão caótico, onde existe a presença da poluição física, mental e ambiental, além da violência, do descaso das pessoas, das autoridades, da corrupção, das tragédias e do desequilíbrio mental ou ambiental, perfeitamente ilustrado com as palavras da autora: “As palavras do padre voaram pelas paredes, passaram pelos ouvidos e sumiram portas afora”. (RODRIGUES, 2001, p. 75). Destaca-se aqui o individualismo como uma personalização e o vazio deste.

Lipovetsky (2004), chamou essa era de: “*A era do vazio*”, com foco no individualismo contemporâneo, que destrincha a sua estrutura e operação. É como se tivesse duas fases: a vida real dos homens e a vida da hipermodernidade; o homem hiper-real, e ao mesmo tempo o modo como essa criação se faz, e o como ela é elaborada.

A era do vazio, em que a análise do social se explica melhor pela sedução que por noções como a de alienação ou de disciplina. Há não mais modelos prescritos pelos grupos sociais, e sim condutas escolhidas e assumidas pelos indivíduos; há não mais normas impostas sem discussão, e sim uma vontade de seduzir que afeta indistintamente o domínio público culto à transparência e à comunicação e o privado multiplicação das descobertas e das experiências subjetivas. (LIPOVETSKY, 2004, p. 57).

O sonhar e imaginar, o excesso, o vazio, as adaptações e as idealizações são qualidades dos indivíduos que mostram suas condutas pessoais de superação de si mesmo, na busca do sentido, da compreensão, do seu valor na sociedade, entre competições e transformações, e por isso é vista como um período de transição para a hipermodernidade presente nesta obra. Diante da realidade atual, essa leitura vai além das expectativas, pois envolve a origem do indivíduo ao considerar a base da sociedade e as suas mudanças desse processo presente.

Trata-se de uma transformação em relação ao conjunto de suportes sobre os quais esses indivíduos construíam sua independência. Consequentemente, trata-se de algo bem diferente do que uma crise passageira. Poderíamos falar de uma bifurcação na trajetória do indivíduo hipermoderno. A dinâmica que produz o hiperindividualismo se estende a um programa de analisar e destacar, nesse processo, novas figuras. (CASTEL, 2004, p. 127).

Pode-se considerar uma negatividade da hipermodernidade o que o sociólogo francês Castel, menciona acerca do indivíduo que está desempregado por muito tempo, e busca uma oportunidade, fartando-se assim de uma situação precária profissional e social. Muitas vezes esse desempregado atua como *freelancer*, ficando mais desempregados do que empregados.

Tudo isso refere-se aos tempos atuais, que além desse desamparo social ou empregatício, esse indivíduo vivencia um terrível sofrimento psicológico. A era do vazio é marcada nessa sociedade hipermoderna, descrita nessa frase: “Por ser eu filha da recessão e da depressão, ciclos do sistema flutuante, fui obrigada, mais uma vez, a engrossar as fileiras dos que, diuturnamente, procuram emprego”. (RODRIGUES, 2001, p. 81).

Com esse sofrimento, percebe-se também a angústia neurótica, um transtorno, distúrbios, problemas e até mazelas, causando assim indisposições dominantes que deixam os indivíduos inertes ao mundo, ou seja, sem desejo de mais nada. Esses indivíduos se tornam totalmente inativos e imóveis, ficando sem energia, sem força, preguiçosos ou prostrados. Consequentemente, ele passa por uma intensa força de impedimentos e sofre por excesso de possibilidades, percebendo que não tem como realizar todas.

Com tantas probabilidades e aptidões, nessas etapas o indivíduo precisa alcançar e entender, mesmo se vendo diante do impossível, o que causa o citado sofrimento psicológico.

Muitas vezes predomina-se o sofrimento de escassez e um sentimento de carência, e o indivíduo acaba achando que nunca terá condições suficientes para atender as demandas que a sociedade hipermoderna lhe exige. Por outro lado, esses indivíduos querem sempre mais, vivem no excesso do querer e do permanente, à ponto de sempre estarem *versus* eles mesmos, tornando-se neurótico, pressentindo um estado de repressão e controlados. Essas síndromes desencadeiam metaforicamente na depressão, que atualmente os indivíduos se encontram, e consiste no estar abatido, triste, angustiado, e achando sempre que é incompetente para tudo.

1.3. O risco: a arte

Teria a literatura a finalidade de promover catarse?
O Provável Leitor.
Cida Rodrigues

Os instantes da obra são observados e marcados por alguns ditos e colocações que se aproximam da hipermodernidade como um conceito singular de literatura da autora, quando ela afirma que: “Literatura é o risco do risco...É preciso riscar o Branco! ...”. (RODRIGUES, 2001, p. 41). A arte é preencher o vazio, é o desejo de escrever, de extravasar seus sentimentos sem se preocupar com a tradicional escrita literária, rompendo barreiras. Assim, inclui-se algumas afirmações que a autora, permite ao provável leitor. Ela deixa uma herança de poder arriscar seus limites e assim também sair do limite

Os efeitos da arte na escrita literária possuem infinitos riscos, medos e dores. Sendo assim, a autora questiona o provável leitor: “Teria a literatura a finalidade de promover catarse?”. (RODRIGUES, 2001, p. 43). A catarse gera uma verdadeira libertação de dores e anseios contidos no indivíduo, e a palavra tem o poder de domínio. Portanto, logo no “segundo instante” em O Risco, o eu lírico aproxima-se do êxtase e da solidão, manuseando e manipulando o sentimento como instrumento de que a vida em sua expectativa não se adapta com o meio em que vive, tornando-se assim, uma autêntica frustração das competências do indivíduo, sem se preocupar com o antes, depois e nem com ninguém, mesmo tendo o poder de domínio.

Em seus instantes, a escritora Cida Rodrigues, constantemente desafia e mantém com uma segurança de profundo esclarecimento em sua obra, no sentido de fazer uma linguagem cultural de renovação nos conhecimentos universais. Assim como pode-se sonhar ao dizer, correm também rios de eternas palavras em silêncio em cada margem. Dessa forma, a autora faz com o gênero lírico em prosa, no poema “O Risco”, não com essas palavras, mas com a busca de uma linguagem que revela a incerteza, o medo, a periculosidade dos fatos e as obrigações a serem cumpridas.

Começar o que? Arriscar... É preciso ter algo a arriscar! Não tinha... Tinha a ideia fervilhando-lhe os neurônios. Que ideia? Não sabia...’ outro atravessara a porta num relâmpago e desaparecera. Ela continuou imóvel, apenas os pensamentos se movimentavam confusos: Conteúdo... Forma. Forma... Conteúdo. Este todo mundo tem. “Tem ou não tem? Ter não é Ser, mas para Ser é preciso Ter. Precisa ou não precisa? Absurdo! Absurdo! (RODRIGUES, 2001, p. 44).

A busca, o risco e a cicatriz da vida é marcada e registrada das consequências e emoções existentes na profundidade da alma. Dessa forma, exige-se da vida que ela se entregue totalmente as lembranças da memória, desejando uma forte e elevada conquista do impossível para realizar as suas aquisições. Ultrapassando caminhos, sem abandonar o campo da sensibilidade da maioria dos homens, e com a busca do desejo extraordinário, é que se depara com o imaginário, uma pretensão ingênua do viver para arriscar.

Os instantes alcançam poder e possibilidade expressiva de um comprometimento de captar o verdadeiro sentindo da vida hipermoderna, mesmo não mencionando acontecimentos reais presentes, mas que insinuem fatos do futuro, embora muitos reconheçam a importância nessa perspectiva de conceito para ultrapassar este novo processo ao concordar com a seriedade e a neutralidade moral do ideal hipermoderno.

Ainda que esteja no estilo clássico de uma categoria que procura qualquer coisa que satisfaça o individualismo, a tecnologia, os contrassensos, os artificios da vida contemporânea, a admiração incondicional dada à hipermodernidade, fazem com que esta seja respeitada.

Há sempre algo de muito grande na área da linguística, algo que desperta a pretensão de ser dominada na arte prazerosa. “Reorganizar as palavras. Recomeçar. Voltar ao princípio essencial. Arriscaria, se preciso fosse, a vida pelo risco”. (RODRIGUES, 2011, p. 44). A autora revela ainda as situações em que há perda de valores morais, onde o risco é uma essência que brota dos sonhos, quando se confere às contradições do sonhar. Com utopias fantasiosas, perde-se a distinção entre o real e imaginário.

Escrever é uma verdadeira epifania em juntar as palavras. O verdadeiro êxtase, o fascínio na plenitude da escrita, é o risco das palavras. O encaixe das letras precisa de risco, tendo ainda uma probabilidade de perigo, um contratempo, uma (con) fusão, das palavras e do tempo. A junção das palavras é o sucesso ou insucesso, é a transformação do indivíduo com infinitas possibilidades, que entra em ação, como é colocado na fala da autora: “Tudo significava renovar, mover, morrer. Mover e riscar.... Morrer... viver.... Tentava e tentava.... Tentava e temia e tremia e teimava: assumir o risco do risco era preciso!” (RODRIGUES, 2001, p. 11). A autora espande quando se refere ao perigo constante. Em sua visão é preciso arriscar para expandir o conhecimento, por isso essas tentativas e tremores.

O pensamento demanda algo novo, lógico, que busca superação, por isso, a procura pela linguagem e expressões, vem confirmar uma fruição na versão pós-modernismo, como um meio de transformação, ou seja, um risco de se criar.

É evidente que o risco está em movimento, como em qualquer situação, e com isso reforça o aumento do medo e da angústia. Assim sente-se desgosto ao idealizar sonhos, sentimentos de desprezo, passagens e anseios que fazem parte do indivíduo contemporâneo. É nesse sentido que a escrita revela o jogo de palavras: “Tentava encontrar palavras certas, ordenar as frases”. (RODRIGUES, 2001, p. 43).

De tantas tentativas frustradas ou não, ainda há a busca constante de uma satisfação, ou da felicidade paradoxal, procura formar sua opinião mais nas observações detalhadas do que dos fatos do que em teorias já estabelecidas. Os filósofos hoje devem pensar o mundo em sua complexidade e por meio de duas coisas essencialmente fazer pensar o presente de longa duração, compreender a história do presente e, em segundo lugar, apontar os paradoxos da nossa época. (LIPOVETSKY, 2005, p. 48).

Conforme as condições encontradas nessa era do hiper, a arte deixou de mascarar a hipocrisia, sem considerar a questão individualista. Hoje o movimento de grandes avanços tecnológicos, faz com que o indivíduo avance a enormes passos, com rapidez de se renovar nesse novo mundo inteligente.

II. O NARCISO EXTREMADO E A MODERNIDADE LÍQUIDA

Quando eu te encarei frente a frente e não vi o meu rosto
Chamei de mau gosto o que vi, de mau gosto, mau gosto
É que Narciso acha feio o que não é espelho.
Caetano Veloso

Diante desse trecho da canção “Sampa”, escrita por Caetano Veloso, pode-se citar como Narciso aquele que lida com os outros, como se os outros fossem espelhos que vem dele mesmo. Dessa forma, narciso é aquele que se relaciona com outros, buscando a si mesmo, ou seja, o eco dele próprio.

Nesse propósito, a autora explana muito bem o reflexo de si mesmo em pouquíssimas palavras: “O absurdo, meu Deus, não é só ter que olhar no espelho, mas querer nele habitar”. (RODRIGUES, 2001, p. 49).

O espelho é uma forma de refletir o próprio ser de vidas anteriores e posteriores, que recebem do outro o próprio ego na espera de elogios viciados no prazer de se olhar. Lacan (1966), ressalva: “[...] o primeiro efeito que aparece da imagem no ser humano é um efeito de alienação do sujeito. É no outro que o sujeito se identifica e mesmo se experimenta de início”. (LACAN, 1996, p. 181).

A autora carrega cicatrizes ao retratar palavras como se fosse natureza morta, pois não falta sensibilidade ao analisar o seu eu, pelas circunstâncias do acaso. No entanto, a poetiza diariamente acompanha a fusão surpreendente entre os elementos físicos, os quais consegue força acessível. Porém, um grito alertava que o tempo não para, e que a densidade é vista na forma de neblina. Ela faz visualizações das lembranças familiares, que outrora angustiava a sua alma e a sua própria história, em que há o próprio estágio de retorno e recomeço. “Essa relação erótica em que o indivíduo humano se fixa a uma imagem que o aliena em si mesmo, eis aí a energia e eis aí a forma onde tem origem esta organização passional que ele chamará de seu eu”. (LACAN, 1966, p. 113).

Pode-se dizer que nessa obra é mencionado fatos da modernidade líquida na teoria de Bauman (1998), por se tratar de uma sociedade imediatista, “líquida” e “veloz”, “vivemos em tempo líquido. Nada foi feito para durar” (BAUMAN, 1998, p. 20) “uma época da liquidez, fluidez” “um mundo repleto de sinais confusos, propenso a mudar com rapidez e de forma imprevisível”. (BAUMAN, 2001, p. 30).

Nesse contexto tudo é descartado. O uso de todas as coisas tem vida curta, gerando insegurança e desconforto aos indivíduos. Trata-se de um mundo de globalização com tecnologias rápidas, onde a aproximação e a comunicação dos indivíduos dentro dessa tecnologia é instantânea. Vive-se em um palco de mudanças ousadas, com dinâmicas sociais,

ruptura de paradigmas na arte da vida, mutação, voltando-se à hipermodernidade, por dar espaço à lógica, ao consumo, ao prazer, o hedonismo, o medo e o extremado.

Narcisismo é uma forma de paralisia que comina com uma mortificação, um tormento e uma aflição com pensamentos desconexos, atrapalhados e incoerentes, que domina as imagens existentes, as metáforas, a imaginação, o sentir do invisível, as lembranças marcantes, as alucinações com imaginações com uma mesmice desenfreada.

No mundo de narciso, o maravilhar-se, o fascínio e o encantamento em relação a própria imagem é considerada como uma espécie de narcose. Nesse sentido, a relação com o eco vai adormecendo a realidade, na compreensão de viver no mundo social ou no seu mundo egocêntrico.

Sabe-se que a capacidade racional dos seres humanos chega a ser prejudicada constantemente por propensões efetivas e outras inclinações igualmente irracionais, podendo suspeitar de que a disputa sobre esses fins, dificilmente chegaria a um final trágico ou com uma disputa na busca de valores, tornando-se uma agonia ou uma hesitação sem fim. Nessa sociedade em que o mundo proporciona infinitas possibilidades ao indivíduo com novas mudanças sociais praticadas individualmente num mundo hipermoderno, o narcisismo é aceitável. Para o filósofo Lipovetsky (2004):

A sociedade atual ainda tem uma visão do futuro, que é expressa na insegurança, insegurança em relação ao futuro e a propagação de estudos, em pesquisas, desenvolvimentos de medicamentos, terapias, itens assim, são uma prova da preocupação que a sociedade hipermoderna tem com o futuro. Uma sociedade que tem medo do que pode ocorrer no futuro, e por isso formula práticas para a sobrevivência das próximas gerações. Trata-se não mais de sair do mundo da tradição para aceder à racionalidade moderna, e sim de modernizar a própria modernidade, racionalizar a racionalização, ou seja, na realidade destruir os arcaísmos e as rotinas burocráticas, pôr fim à rigidez institucional e aos entraves protecionistas, relocar, privatizar, estimular a concorrência. (LIPOVETSKY, 2004, p. 52-57).

Na obra *Cicatrizes do risco ou crepúsculo das luzes*, existem ocasiões em que pode-se falar da modernidade líquida, pois o narciso extremado se enquadra nesta fase de desenvolvimento, que possibilita a substituição do velho pelo novo, podendo ser também uma fase de crescimento ou adaptação às regras sociais com traços novos para se formar uma personalidade a qual se justifica a autonomia do indivíduo em uma sociedade injusta, cheia de conflitos, fundamentada na imposição política, suprida pela tradição natural, pressionada pelo poder e que massifica os ideais do indivíduo.

O narcisista é uma pessoa autoritária, pois enxerga somente o seu ego. É considerado como o extremo do extremado, e pode-se denominar de egocêntrico, pois se atina pensando

que é o único. No narcisismo há o afastamento de apegos, uma espécie de isolamento, que tende trazer angústias reprimidas à tona, vivendo com o ego cheio de conflitos, abatido e o superego cheio de confusões no mundo externo.

O narcisista é um indivíduo que é antissocial, não distingue o mundo interno do externo, mas que se enquadra na maioria dos indivíduos da era hiper, que domina dirige e direciona uma sociedade cheia de caos. Assim, “O caos (Abso)luto” da obra, traça a sensibilidade desse indivíduo:

Andava nas vascas da agonia. Um vermelho escarlate cobria-lhe o convulso corpo, várias correntes açodavam-se em lançar sobre ela a lâmina móvel que circulava o espaço ao seu redor. Pela fluidez de seu ritmo cardíaco, podia-se perceber o retalhamento interior por que sofria. Mórvido vinha o sopro da morte abafar-lhe o frenético grito da vida. “O desemprego aumenta no país... O Estado reduz direitos...” Abria os olhos com força sobrenatural. “Devia ter sido vítima de uma alucinação!” Multiplicava a forma de si mesma, transformando-se em luz invasora do lugar, constituído de fragmentos esvoaçantes de fogo. Uma espécie de calafrio a percorreu toda. Sentiu afastar-se de si mesma. Ela era um redemoinho numa completa dispersão. (RODRIGUES, 2001, p. 97).

Dessa forma, conclui-se que o narcisismo é o indivíduo apropriado à sociedade atual, sem algo misterioso, mas que está de acordo com sua conveniência. É fácil entender que trata-se de quaisquer desequilíbrio, levando em consideração o caminho diferente em que pode dar seguimento a vida, a dominação, violência, ou afirmações de si e do julgar ao outro. É um exercício de mudança ao encarar o medo e o mundo, não se iludindo com crenças limitantes. O narcisismo sentir plenamente a vida, a realidade e viver o agora. Com uma pequena frase da autora, o trecho em que desperta a consciência do dever é: “Sim, neles eu posso recomeçar, ouvia, em sua imaginação”. (RODRIGUES, 2001, p. 51).

Não fica sendo uma escolha, mas um processo, uma situação em que se encontra na escolha individual, mas mesmo assim, faz parte de um processo em que abarca um todo. O que importa é a estrutura, a forma de deslumbrar-se e fazer o que tem na vida ou no nada, ou ainda promover a vontade do nada mesmo. “Apoiou com as mãos o lado esquerdo da face, fechou os olhos”. (RODRIGUES, 2001, p. 51).

A cada instante essa obra mostra as maneiras de enxergar o mundo como um todo, com partes que se interligam ou dependem uma da outra. Relata também o lado estético social, a metalinguagem, investiga as implicações e impactos de mudanças e sintomas. Uma percepção perspicaz nos valores, que apesar de sentidos como absolutos, servem para justificar e racionalizar anseios, sem cair no absurdo, sem fundamentação, instantes esses realizados artesanalmente.

2.1. O espelho enquanto imagens dos “eus”

Ah, como armar no ar uma figura desta selva selvagem,
dura, forte, que, só de eu a pensar, me desfigura?
Cida Rodrigues

A autora proferiu que ao olhar a imagem desfigura, pois cria-se a expectativa de imaginar e enfrentar a busca do “eu” perfeito. De alguma forma, tinha que impressionar o outro, alguma coisa que lhe parecesse intocável, mas que fosse tão real quanto o instante presente em sua própria visão. Os labirintos internos de um “eu” que se vê refletido no espelho da alma, só poderá revelar-se através da imagem ou do reflexo que não se vê no meio das multidões caóticas soltas no universo.

De repente, um antigo sonho da adolescência vivificou-se, sobrepondo-se e confundindo-se a ela de modo extravagante. O absurdo do sonho era o espelho que ficava dependurado em uma das paredes do quarto. Nele as imagens refletiam-se em longas caldas de fogo que ela, presa por serpentes ao leito, não podia conter e que, aparentemente, a impregnava. (RODRIGUES, 2001, p. 55).

Diferente do uso comum inquisitório, (espelho/espelho meu) denunciativo, não é pejorativo, pois está incluso no instante. O Espelho diz respeito a uma imagem, uma história que habita no espelho. Ele fala também sobre um processo identificatório, que diz respeito a um investimento. Seria o triângulo no mundo, e essa trilogia é o que está em jogo, pois é uma forma de se apresentar e se ver também, pois faz parte de nós todos, tão real quanto o instante presente.

O espelho possibilita ter outras visões de tempo, espaço e amplitude, além de associar aos sentimentos tornando-se indispensável ao indivíduo. Chevalier e Gheerbrant (2008), relata: “uma configuração entre o indivíduo contemplado e o espelho que o contempla, que vêm constituindo-se desde os mitos. Refletindo a verdade, a sinceridade, o conteúdo do coração e da consciência, tal como o sol, a lua, o outro ou a água”. (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2008, p. 393 - 396). Na maneira de se enxergar, tem-se a fala do filósofo Nelson B. Peixoto referindo-se ao espelho:

O espelho, [...] permite ver sem ver visto, ver alguém que está atrás da porta, ver algo que está parcialmente encoberto. É através do revisor que o homem perseguido percebe o carro que o segue. O olhar pelo espelho é indireto. É uma maneira de ver, em locais fechados, a visão. É também um olhar de soslaio, de viés, que permite vigiar, observar furtivamente, para agir na melhor ocasião. (PEIXOTO, 1987, p. 56).

O espelho proporciona a imagem em que o indivíduo venera a maneira de se enxergar. É como se fosse o jeito como o indivíduo se apresenta diante do outro. Por isso, atualmente há um certo sentido nas redes sociais, quando aquela pessoa que se apresenta excessivamente como ela é, e precisa do olhar do outro para que ela se mostre como ela é. Um retrato da extrema dependência em relação ao olhar e ao reconhecimento do outro.

Dessa forma, pode-se afirmar que aprosa do espelho um narciso, é vista também no cotidiano da atualidade, sem uma perspectiva pejorativa. Além dessa relação com a imagem, destaca-se também o modo de se apresentar, de se ater e de se agarrar a uma dada imagem.

Deve-se considerar não somente a imagem do indivíduo, tal como no mito de narciso, mas também o agarramento a uma forma de imagem através da qual ele se apresenta para o outro. Há também a possibilidade desse indivíduo se agarrar a imagem da ruína e da derrota, achando que não consegue nada. Nesse caso ele passa uma imagem de coitado e vítima, que ele cria de si mesmo. Assim, numa identificação que compõem o narciso, o “eu” apresenta por meio de uma imagem, que se identifica através de uma exaltação, beleza ou ainda uma imagem de vítima.

As crianças sempre procuram seus rostinhos atrás do espelho. Procura inútil. Atrás nada existe. Narciso só consegue ver o reflexo da sua imagem no rio que corre. Às vezes penso que sou Mariana: uma imagem refletida nos espelhos dos shopping-centers. Sinto-me presa ao fascínio do que represento. Porém não quero olhar atrás do espelho nem impregnar-me pelo que vejo. Só quero a face que o espelho não consegue mostrar. Por isso, repito e hei de repetir milhares de vezes: não sou Narciso, não sou Mariana... (RODRIGUES, 2001, p. 90).

O apequenamento do “eu” “não dá conta”, o “eu” “não dá certo”, “ninguém olha para mim (eu)”, compreende-se que é uma forma de se apresentar para que o outro sinta pena ou dó. Isso é o narciso conhecido.

Para o ser humano em todo o tempo é preciso mostrar o seu brilho, uma extrema atração ao querer sempre causar. É como se fosse um jogo de apresentação através da imagem refletida no espelho, e essa imagem/reflexo/espelho é um processo identificatório, em que ele faz dessa imagem a sua carteira de apresentação, ou seja, o seu cartão de visita.

O indivíduo que se sente seguro a esta imagem, e que tem apego ao se enxergar e admirar, muitas vezes deixa de fazer outras coisas, para que o tempo todo ele possa investir na sustentação de sua própria imagem. Esse indivíduo tem de ser sustentável pelo próprio sujeito, com algumas coisas extremamente pessoais, seja a energia, força, vitalidade ou interesse. Tudo isso está sustentando a identificação consigo mesmo. Com a relação muito

cativante consigo mesmo como imagem, o apego a imagem que é a sua identificação e a trilogia: imagem, identificação e investimento, o indivíduo sente-se seguro. Essa trilogia caracteriza o narciso.

O indivíduo narcisista pode fascinar pelo belo ou pelo contrário do belo, no caso o negativismo, e nesse caso, pode considerar como uma forma de defesa, pois esse tipo de fascínio é altamente enganoso, e se deixa levar por uma excessiva admiração.

Nesse sentido pode-se considerar que onde há fascínio, há também servidão. Sendo assim, esse indivíduo se compreende, envolve-se e submerge a uma crítica desse instante em O Espelho, que busca um certo esvaziamento, mesmo que predomine o extremado e ainda que seja pontual desse excesso ao se idolatrar.

Nesse sentido, o narciso é o homem extremado, hipermoderno, que sofre a metamorfose e investiga o avesso. O fascínio é uma forma defensiva, porque não se compromete em mostrar o seu verdadeiro eu, com a própria imagem na interação entre o ser e o estar.

A viagem, ou o reflexo dessa imagem, na mais profunda intimidade da alma, há também horrores, temores e medos do indivíduo. É justamente nessas desarticulações, que a autora faz menção da era da metamorfose constante, onde os indivíduos são coibidos em suas crenças limitantes: “[...]... a maioria nem sequer seria notada e eu sou a maioria.... Onde está a força da maioria? Onde? Sinto-me círculo, farta, fraca...”. (RODRIGUES, 2001, p. 83).

Nossa sociedade é cercada de paradigmas e preconceitos. Uma rede que entrelaça em um mesmo sistema, sociedade e instituição. Assim, Bauman (2007), afirma que os indivíduos são consumidores e devastadores deles mesmos. Ele afirma em seu livro: “Vida de consumo”:

Na sociedade de consumidores, ninguém pode se tornar sujeito sem primeiro virar mercadoria, e ninguém pode manter segura sua subjetividade sem reanimar, ressuscitar, recarregar de maneira perpetua as capacidades esperadas e exigidas de uma mercadoria vendável. (BAUMAN, 2007, p. 20).

O filósofo polonês Bauman (2007) continua a esclarecer que a modernidade “sólida” tinha descrições arcaicas em que família, sociedade e estado eram manipulados. Mas, em sua teoria da “modernidade líquida”, os indivíduos teriam e tem condições de inventar um novo e esplêndido futuro, o que remete as novas tecnologias e a rapidez de tudo que envolve o ser humano, em uma “fluidez, liquidez”, justamente com a presteza e mobilidade que se tem hoje de buscar e alcançar tudo que se quer, de certa forma com facilidades extremadas.

Essa liquidez é notória, e não conserva uma forma, a menos que seja colocada em uma caixinha. Caso contrário, ela muda a sua forma o tempo todo, pois não tem uma forma rígida e duradoura. Assim, conclui-se que há uma constante transformações. Veja o que relata Bauman (2007):

As transformações no capitalismo, na liberdade, o medo, cidades, dominação, segurança, consumo, educação, trabalho, individualismo, fé, espiritualidades, a ideia de crítica, um tempo de espontaneidade, mas que ao mesmo tempo uma cultura imediatista, a curto prazo e as coisas estão mudando extremamente rápidas. Esses seriam, para ele, justamente, os traços essenciais das relações sociais na atualidade. (BAUMAN, 2007, p. 39).

Mesmo causando medo e insegurança nos indivíduos, percebe-se que as transformações acontecem. O filósofo político Strauss (2013), diz que: “a liberdade sem precedentes também foi acompanhada pela impotência sem precedentes. Criticamos o mundo, nunca estamos satisfeitos, mas raramente sabemos o que fazer com nossas críticas”. (STRAUSS, 2013, p. 42),

Desenvolvendo o narciso, o eu individual e o egocêntrico, abre-se espaço para se manifestar uma nova sociedade que não se preocupa muito com o futuro.

As características perfeitas da era do hiper idealiza sonhos e realiza os prazeres mais desejados e ambicionados. Assim, essa sociedade hipermoderna está sempre em busca do novo, ou seja, ela só se satisfaz com o novo e diferente, com os desafios, novos objetos e com tudo aquilo que traz bem-estar. Nessa era há objetos que encantam e são “Shin hatsubai”², tudo novo e descartável, uma espécie de novidade eterna, sempre aparecendo. E na medida em que as coisas aparecem, tornam-se descartáveis, que é outra característica da hipermodernidade, com uma estrutura social que se dilui comparativamente em relação a liquidez.

Para Bauman (2001), a sociedade tornou-se volátil pelo padrão existencial, tornando-se cada vez mais instável. Essa instabilidade fez com que os indivíduos se tornassem mais individualizados, para assim se tornarem livres para realizar os seus sonhos de acordo com a sua capacidade. Sobre essas transformações Bauman (2001), afirma:

São esses padrões, códigos e regras a que podíamos nos conformar, que podíamos selecionar como pontos estáveis de orientação e pelos quais podíamos nos deixar

² Uma frase que os japoneses falam quando encontram algo novo, ou uma novidade no mercado. Como sempre surge a todo momento o mais novo do mais novo, tornando-se descartável. Mas a palavra em si é nova, venda, novidade.

depois guiar, que estão cada vez mais em falta. Isso não quer dizer que nossos contemporâneos sejam livres para construir seu modo de vida a partir do zero e segundo sua vontade, ou que não sejam mais dependentes da sociedade para obter as plantas e os materiais de construção. Mas quer dizer que estamos passando de uma era de 'grupos de referência' predeterminados a uma outra de 'comparação universal', em que o destino dos trabalhos de autoconstrução individual (...) não está dado de antemão, e tende a sofrer numerosas e profundas mudanças antes que esses trabalhos alcancem seu único fim genuíno: o fim da vida do indivíduo. (BAUMAN, 2001, p. 45).

Na modernidade líquida os padrões sociais são dilacerados. Acontecem as mudanças, aprovam a troca do velho para o novo e assim, as modificações ficam perdidas nas relações sociais da própria identidade. Valoriza-se mais a autonomia em que se torna mais responsáveis, e simultaneamente, alarga a independência, que de certa forma para muitos, entra no desregramento e confunde com a moralidade.

Por outro lado, adquire-se mais o autocontrole e deixa-se levar ou ser levado. Isso dá a sensação de emancipação individual, que cria a realidade, dando passagem ao hipermoderno, a liberdade de expressão e ao consumo exagerado das coisas e valores.

Na hipermodernidade, os indivíduos são mais esclarecidos, mas ao mesmo tempo, desestruturados, mais inconstantes, medrosos, incertos e mais submissos ao consumo. Um “eu” extremista, sem limites sociais, sem restrições, sem condutas e com uma verdadeira compulsão de conquistas de forma tão exagerada, que surgem indivíduos depressivos.

Nesse sentido, o indivíduo passa então a ter várias complicações, dentre elas a frágil relação, a perda de múltiplos valores, a própria transformação (a ponto de se fazer mercadoria), as frustrações e a insegurança (ficando quase que impossível enumerá-las).

Essas razões são atributos de uma mentalidade avessa às instituições e às normas, que dão embasamento aos seres hiperes. Há, portanto, uma transformação e uma nova percepção de mundo, onde surgem esclarecimentos e informações que possuem ideologias hierárquicas de valores morais, viciosos e virtuosos.

Essa obra instigante, é ficção, poesia e intencional. Nela há estratégias e táticas astuciosas, com uma aparente narração e uma fusão entre gêneros envolvidos pela hipermodernidade, onde não há fronteiras. Há também questionamentos pertinentes à condição humana, levando a linguagem a uma excêntrica viagem para o “eu”, mergulhado em si mesmo, em uma grande viagem em que se descobre.

Nada como o tempo do agora, em que o indivíduo se preocupa com o corpo, com as formas e com a manutenção física. É nesse sentido que se pode encontrar corações aflitos e sofridos.

A mente é o espelho da vida. Ela é o terreno fértil, pois o que se planta, colhe –se. Através da mente pode-se perceber uma investigação, uma procura ou até mesmo um autoconhecimento. É por meio de uma condição da mente que uma iniciativa pode avançar, basta enxergar e ver que as mudanças acontecem.

Sem medo e com coragem, o indivíduo hipermoderno alcança seus objetivos com liberdade e sem preconceito, desenvolvendo uma autoimagem motivada a ter suas conquistas em mãos pela necessidade de obter o seu próprio “eu” para ter sua autoimagem repleta de poder. Essa autoimagem se constrói na relação do “eu”, resultante dos valores de cada indivíduo ser em função de si mesmo. Dessa forma, vive com esta construção, como se fosse uma obsessão do “eu sou eu”, individualizado.

O absurdo, meu Deus, não é só ter que se olhar no espelho, mas querer nele habitar’. Certamente, não buscava a imortalidade, apenas teimava em atravessar o espelho. ‘Preciso manter a força da inconsequência... da teimosia... Na verdade, estou cotidiano: ter que calar porque a voz é muda. O grito ecoa, mas não rompe a barreira da mesmice. Engulo a fala e ela sobe-me contorcida, feroz para o cérebro. Perco a visão, algo aperta-me o peito e pressinto que me fraciono em pequeninos pedaços de vidro, espalhados pelo chão. (RODRIGUES, 2001. p. 50).

Neste trecho a autora mostra a preocupação de si mesma e a indiferença ao acaso na sua individualização. Essa autoimagem refere-se à ideia que se tem dos intrincados e peculiares “eus”, sendo que, uma das melhores maneiras de examinar o indivíduo(eu) é procurar compreender a sua autoimagem.

A autoimagem acompanha o eu real, o eu ideal e outros tantos “eus” em que o indivíduo pensa que os outros os vejam. A problemática de “eus” reflete no corpo virtual, o corpoimagem, marcado pelo significante do corpofala, e habita pela libido corpogozo, que comanda o olhar único quando se vê no espelho de maneira simbólica ou real.

O interior estava escuro. Apenas os reflexos das várias luzes penetravam à janela. Cambaleava. ‘Que horas são?’, perguntou a si mesma. Mas uma força invisível continuava a atraí-la para o centro do leito. ‘Ali poderia recomeçar... Recomeçar o quê?! Mergulhou-se nos lençóis. A cabeça rodava, porém, insistia na palavra certa. Acredito que cada coisa, pessoa ou momento, tem um termo certo que a representa. O difícil é encontra-lo. Há pessoas representando a palavra errada. Outras há que aparentam uma escondem outra, e há, ainda, aquelas que perderam por completo a palavra que os nomeia. Muitas trocaram o nome pelo número. Às vezes, o próprio número lhes é tema. Nele, elas tinham-se evaporado, e, com elas, o sentido real e lógico das coisas. Acostumei-me a perceber tão superficialmente as coisas e seus significados! Recordo-me, simplesmente, dos traços de referência que as chamadas davam às palavras, mas também, não tenho certeza...’. Silenciou o pensamento. Retornou à superfície. Pôs-se de pé e, fazendo grande esforço para não cair, cambaleou até a tomada elétrica. O quarto encheu-se de luz. ‘Que bebedeira!’ – Exclamou de si para si. Ouviu, ao longe, música de bares. Sentou-se na cama, a luz

incomodava seus olhos e fazia-lhe doer a cabeça. [...] em seguida, assaltou-se uma série de visões incoerentes, embora familiares, transportando-a para a liberdade que só os sonhos conhecem. ‘Sim, neles eu posso recomeçar’, ouvia em sua imaginação. (RODRIGUES, 2001, p. 51).

A estruturação do indivíduo em relação ao corpoimagem, busca a configuração do próprio corpo encontrada no espelho, na qual vai se alienando virtualmente, causando uma sensação de desejo na visão do corpo inteiro no espelho.

Esses momentos são de regozijo, prazer e bem-estar. Imediatamente esse indivíduo, olha para se encontrar, e a sustentação do que vê no espelho, é a figura única em seu mundo individualista, que passa ser admirado por si, como seu eu ideal.

É nessa situação que começa a transição de encontrar como outros “eus” diferenciados, extremistas, consumistas, individualistas e até com algumas imagens ou reflexos diferentes, ou ainda com alguns mitos que não são invenções insensatas do entendimento, mas rebatem a uma necessidade para completar as mais íntimas formas do ser e dos seus outros “eus”.

Percebe-se que a literatura condiz com essas formas auxiliares de imagens, reflexos e dos mitos, o que possibilita a renovação. Assim, nesta obra a autora trabalha impecavelmente essas questões para mostrar, de formas variadas ou camufladas, o presente, o passado e o futuro, despertando instigações sobre o tempo remoto, de outrora.

Em sua construção poética, a escritora menciona outro mito dentro do mito de narciso, com uma elasticidade para uma releitura dentro da sua escrita, motivando interpretações e hipóteses inovadoras, no poema em verso:

Náufrago do acaso,
Círculo
E ordeno-me, como os astros,
Nas profusões galácticas do uni
Verso.

Habita, em mim, um Narciso mundano...
Perco-me no corpo
Das imagens eróticas,
Que musicalizam o meu núcleo impre
Visível,
Feito de colunas irregulares,
Difusas...
Incompletas...

Colunas a re
colher o cotidiano do olhar
Nas vitrines multi
Brilho

Do consumo sensualizante
De homens bêbados...

Bêbado,
Precipito-me
No abismo original
Do Branco
E espalho-me
No gozo extremo
do desconhecido.

Seduzido, como Narciso,
Procuro o operário
Que se entregue ao meu corpo. (RODRIGUES, 2001, p. 72 - 73).

O poema em verso transcrito traz à baila o narciso como exemplo do duplo e dos outros “eus”. Esse narciso moderno e contemporâneo da escritora, manifesta o enigma dos vínculos afetivos, devido aos seus acontecimentos. Trata-se de um narciso que não obtém êxito em sua luta constante contra o padrão de conduta imposta pela sociedade capitalista. Assim, a releitura que a autora faz do mito em Cicatrizes do risco, é a de alguém que tem a sina, o fardo incômodo, um destino que lhe confere e uma identidade feita de estilhaços, perfil do homem contemporâneo em conflito consigo mesmo.

Nesta obra identifica-se os “eus” com os outros, matutando conflitos interiores para entender a si mesmo, com tormentos psicológicos e ansiedade de descobrir quem os “eus” são como indivíduo hipermoderno e como as imagens, que por hora, são alienados e ficam desequilibrados em sua totalidade no campo emocional, provocando um retraimento em sua personalidade.

Por estar na busca constante da liberdade, e por existir uma decadência de tradições que guia a vida, pelo pensamento individualista e pelo prazer na busca da felicidade e suas emoções, é notório que o indivíduo hipermoderno procure uma identidade própria, sempre questionada e examinada, o que faz dos “eus” exigir reconhecimento nos outros e dos outros.

2.2. O eu extremado

Não tenho forma única. Despi-me do ontem e, agora,
cubro-me por inúmeros véus, numa pluralidade de
discursos e de cores.
Cida Rodrigues

Esses indivíduos hipermodernos tornam-se insatisfeitos, devido as possibilidades que existem a seu dispor. A multiplicidade e variedade de “eus”, os levam a contradições, como: desordenado e o ordenado; o teimoso e o fácil; o agitado e o calmo; o radical do “radical”, ou

seja, o extremado; o extraordinário; o verdadeiro egocêntrico, além de um “eu” de ideia fixa, com atitudes exageradas em todos os comportamentos, sejam eles físico, moral ou emocional.

Como imaginar, por exemplo, essa mesa com frutas, queijos, leite, iogurtes, geleias.... Terrível é imaginar a ausência do café preto. Mais terrível é encontrar no café um grilo. Pois foi exatamente um grilo que encontrei em meu café. Estranhei.... Afastei a xícara e, quando ia pegar outra, deparei-me com outro grilo... mais outro... outro... outro... percebi, por fim, que milhares tomavam conta da mesa. (RODRIGUES, 2001, p. 81).

Trata-se de um ser insaciável, insatisfeito por querer um sistema e normas que se adaptam ao seu “eu”. A autora relata isso no instante três, em Desejo, com uma frase peculiar: “O caos se desfaz no êxtase”. (RODRIGUES, 2001, p. 71). A autora compara a um personagem narciso... poema em versos. As expressões grandiosas do amor, dos sentimentos de felicidades, do estar e sentir-se vivo e do desejo da vida, convida discutir sobre as diversidades humanas ou diversidades esquizofrênicas, onde ela relata que o caos se desfaz no êxtase!

Náufrago do acaso,
Círculo
E ordeno-me, como os astros,
Nas profusões galácticas do uni
Verso.

Habita, em mim, um Narciso mundano...
Perco-me no corpo
Das imagens eróticas,
Que musicalizam o meu núcleo impre
Visível,
Feito de colunas irregulares,
Difusas...
Incompletas...

Colunas a re
Colher o cotidiano do olhar
Nas vitrines multi
Brilho
Do consumo sensualizante
De homens bêbados...

Bêbado,
Precipito-me
No abismo original
Do branco
E espalho-me
No gozo extremo
do desconhecido.

Seduzido, como Narciso,
Procuro o operário
Que se entregue ao meu corpo.
Corpo coberto das águas do desejo
Onde o fim não

Há

Êxtase!...

Mergulhado em êxtase,
Como a face trêmula
Na fonte refletida,

Procuro o surfista
Que se delicia, por completo,
Nas ondas de meus vários per
Cursos...

Percurso do engenheiro-arquiteto
Que faz massa e concreto
Em colunas de cor, frio e dor:
Construção!

Construções que se abismem
No silêncio,
Onde lacunas de significantes
Se erotizam,
Proliferando a plural
Idade das cores de
Eros...

Molhados de torturantes beijos
Os nossos corpos se impregnam
do indizível...
Donde, num orgasmo in
Tenso,
Tudo provém
E para onde Tudo
Retorna...

Desejo!

(RODRIGUES, 2001, p. 72 - 74).

Tudo que se faz, diz, pensa-se ou sente-se, traz o desejo ou êxtase, que pode ser liberto ou maldito, levando à loucura, pois não é concretizado pelo o eu lírico. A presença do egocentrismo, do achismo e da individualidade, representa uma falsa ideologia em relação aos aspectos físicos e psicológicos do humano, que se debate ao contornar aos objetivos da própria cultura de uma etimologia tradicional. Esse indivíduo e investiga o sentido, a origem da palavra, sua derivação, e se submete a vivenciar o irreal. Sua rotina é, na verdade, uma omissão da realidade, o se torna maléfico, tanto pro seu ego, quanto para as suas realizações, uma verdadeira confusão tornando tudo em “caos(abso)luto”³. As frases do instante 5 ilustra:

NÃO FIQUE
OBSOLETO
A Constituição é um engodo
Felizes os trabalhos que conseguem manter seus empregos
O desemprego aumenta no país...

³ (RODRIGUES, 2001, p. 97). Título do Instante 5.

O Estado reduz direitos...
(RODRIGUES, 2001, p. 97 - 99).

Nessas situações corriqueiras do indivíduo hipermoderno, adere-se ao pensamento do sociólogo francês Gilles Lipovetsky, em seu livro: *Os Tempos Hipermodernos* (2004). Ele explana sobre a hipermodernidade com uma precisão atual nas condições que os indivíduos vivem no aqui e agora.

Mostra também vários comportamentos do indivíduo nessa época hipermoderna, despertando estímulos que os leva ao excesso diante das mudanças e das tendências surgidas no mundo, caracterizadas sem domínio, livres, com exagero e sem rodeios.

Os indivíduos encontram-se perdidos no emotivo de suas polaridades angustiadas, assim como o “reinado da moda, as metamorfoses da ética, a nova economia dos sexos, a explosão do luxo e as mutações da sociedade de consumo”⁴. E assim Lipovetsky (2004), “marcou profundamente a interpretação da modernidade”⁵.

Nesse tempo hipermoderno, a vida é baseada na fugacidade, no indivíduo que se admira exageradamente, com um amor pela própria imagem e no hedonismo, que é o prazer além e acima de qualquer coisa. Há também uma busca do bem supremo, embora haja uma separação na ocasião de especificar a importância e as distinções de uma completa fruição, assim como a busca e os meios para obtê-la e chegar ao êxtase da vida plena. Essa situação pode ter momentos de êxtase, pois o indivíduo hipermoderno vive do agora e permanece nele, além de uma inquietude, no qual Lipovetsky (2004) comenta: “Chegamos ao ponto em que a comercialização dos modos de vida não encontra mais resistências estruturais, culturais ou ideológicas, e onde as esferas da vida social e individual são reorganizadas em função da lógica do consumo”. (LIPOVETSKY, 2004, p. 41).

O indivíduo hipercontemporâneo, é mais autônomo, é também mais frágil que nunca, na medida em que as obrigações e as exigências que o definem são mais vastas e pesadas. A liberdade, o conforto, a qualidade e a expectativa de vida não eliminam o trágico da existência, pelo contrário, tornam mais cruel a contradição. (LIPOVETSKY, 2004, p. 8-9).

O “eu” extremado sai do convencional no aspecto egocêntrico, ostentando e abusando dos limites, situações e algumas particularidades que envolvem os indivíduos hipermodernos em sua ignorância dentro do egocentrismo. Interessante destacar que todo egocêntrico considera-se como o “centro do Universo”, pois somente ele se basta.

⁴ Pierre-Henri Tavoillot faz o prefácio do livro de Lipovetsky *Os Tempos Hipermodernos* pontua alguns aspectos encontrados nesta obra em que se utilizou como referência.

⁵ Ainda dentro do prefácio do livro de Lipovetsky *Os Tempos Hipermodernos*, Pierre-Henri Tavoillot, relata a exploração em que Lipovetsky detalha a hipermodernidade.

Lipovetsky (2004) era “discípulo de Tocqueville”⁶, o primeiro que diagnosticou a felicidade pessoal, de ambições limitadas, e se dedicou a distinguir inúmeros disparates da democracia americana que possibilitava o “eu sou o centro”⁷. Mesmo sendo o centro das atenções existe uma evolução de pensamentos a respeito dos comportamentos coletivos, até chegar à individualidade em relação à moda analisada, a partir da necessidade do “o menos é mais”⁸. O consumo e o luxo, visam lucros, e é um processo que ocasiona a integração dos indivíduos. Os acontecimentos são acelerados, e as mudanças ocorrem em ritmo esquizofrênico, com *a era do vazio*⁹ e a felicidade paradoxal.

Na Hipermodernidade, não há escolha, não há alternativa, senão evoluir, acelerar para não ser ultrapassado pela ‘evolução’: o culto da modernização técnica prevaleceu sobre a glorificação dos fins e dos ideais. Quanto menos o futuro é previsível, mais ele precisa ser mutável, flexivo, reativo, permanentemente pronto a mudar, supermoderno, mais moderno que os modernos dos tempos heroicos. (LIPOVETSKY, 2004, p. 57).

Dessa forma, nasce uma cultura hedonista¹⁰, ou seja, um desejo de se ter tudo e ser o que não é, levando o indivíduo a imediata satisfação instantânea da extrema inquietude. Eis apenas uma amostra dos paradoxos que caracteriza a hipermodernidade: quanto mais avança as condutas responsáveis, mais aumenta a irresponsabilidade. Os indivíduos hipermodernos são mais conhecedores de todas as tecnologias e informações universais, com sinais mais confusos, abertos e influenciados. Para Lipovetsky (2004):

O importante é entender bem que é a própria lógica do individualismo e da desagregação das estruturas tradicionais de normatização o que produz fenômeno tão opostos quanto o autocontrole e a abulia, o superempenho prometeico e a total falta de vontade. De um lado, mais tomada de responsabilidade, e de outro, mais desregramento. A essência do individualismo é mesmo o paradoxo. Ante a desestruturação dos controles sociais, os indivíduos, em contexto pós-disciplinar, têm a opção de assumir responsabilidade ou não, de autocontrolar-se ou deixar-se levar. (LIPOVETSKY, 2004, p. 21).

Essa citação trata de preocupações frequentemente, como a ideia de consumo, egoísmo e sustentabilidade. O individualismo é um tipo de arranjo, não apenas uma característica individual, mas sim o que transforma as vontades, desejos, anseios das pessoas na principal força propulsora e operativa da sociedade, com momentos de transições, emancipações ou talvez nem uma coisa nem outra.

⁶ Tocqueville, o primeiro que adentrou nas questões dos indivíduos “*in loco*”, conseqüentemente Lipovetsky passa a segui-lo como discípulo.

⁷ O mesmo que julgar *in loco*.

⁸ Dito popularizado na fala de algumas pessoas na língua portuguesa.

⁹ Primeiro livro do filósofo Lipovetsky *A era do vazio*.

¹⁰ Hedonista vive como se fosse. Pesquisa realizada no dicionário *online*.

Por outro lado. Lipovetsky (2004), aponta que a hipermodernidade abraça a mudança complicada de uma sociedade consumidora, propondo acabar com os excessos, de modo que reduza os absurdos de que estes estão tramados. Entretanto, no aspecto geral, as obras de Lipovetsky (2004) são um tanto críticas, e ao mesmo tempo simplista para fazer suas colocações a respeito do real, ao pensar na complexidade dos fenômenos deste mundo.

A teoria de Lipovetsky (2004) abrange sobre o cotidiano dos indivíduos sob a forte influência de tudo novo e tudo muito rápido. Ele retrata um indivíduo espontâneo, além dos preceitos morais que envolvem a ética, moda, consumo, luxo, ostentações, a tão sonhada liberdade de expressão, as tecnologias e a comunicação instantânea.

É fato, o indivíduo modificasse somaticamente do nascimento à morte. Apesar disso tudo, o sujeito continua o mesmo. Os caracteres exteriores ou físicos do indivíduo se modificam. Aí está o segundo princípio de identidade, esta permanência do auto referencial, apesar das transformações. (MORIN, 2001, p. 128).

Diante das palavras de Morin (2001) e com tantas atrações que os indivíduos possuem, verifica-se que a transição acontece mesmo existindo preceitos permanentes, embora esses valores são base de referência para os indivíduos. Em relação ao Bauman (2001), essas transformações “são o resultado de um amplo conjunto de mudanças importantes subsumidas na rubrica modernidade líquida, de particular importância: a renúncia, a certeza, segurança e garantia”. (BAUMAN, 2001, p. 211).

2.3. O “eu” autoconsumidor

Na hipermodernidade, a identidade não é natural ou herdada. Ela precisa ser composta.
Camilo Vannucchi

O surgimento de uma sociedade de hiperconsumo, representa o desejo de consumir mais. Nesse universo capitalista, uma das situações da hipermodernidade em que o indivíduo se autoconsome para satisfazer o seu ego, é a ostentação de sua aparência, a busca constante e a sensação nova para preencher o seu vazio.

Instala-se um novo estágio de individualismo: o narcisismo designa o surgimento de um perfil inédito do indivíduo nas suas relações consigo mesmo e com o seu corpo, com os outros, com o mundo e com o tempo no momento em que o ‘capitalismo’ autoritário cede lugar a um capitalismo hedonista e permissivo. (LIPOVETSKY, 2005. p. 32).

A criação e a influência dos grandes centros comerciais, mídias e a facilidade da internet de comprar e adquirir novos produtos ou desfazer, são recursos utilizados para atrair

os consumidores na busca do conforto como forma de felicidade, realização para se chegar ao ponto do êxtase de aquisição. Não estão mais interessados apenas em produtos, mas por suprir necessidades mais subjetivas, individuais e emocionais. No sentido geral do livro *Vida de consumo* de Bauman (2008), ele revela essa síndrome:

Entre as maneiras com que o consumidor enfrenta a insatisfação, a principal é descartar os objetos que a causam. A sociedade de consumidores desvaloriza a durabilidade, igualando ‘velho’ a ‘defasado’, impróprio para continuar sendo utilizado e destinado à lata de lixo. É pela alta taxa de desperdício, e pela decrescente distância temporal entre o brotar e o murchar do desejo, que o fetichismo da subjetividade se mantém vivo e digno de crédito, apesar da interminável série de desapontamentos que ele causa. A sociedade de consumidores é impensável sem uma florescente indústria de remoção de lixo. Não se espera dos consumidores que jurem lealdade aos objetos que obtêm com a intenção de consumir. (BAUMAN, 2008, p. 31).

Em *A era do vazio*, (1983), que é o seu primeiro livro, Lipovetsky, já ressaltava as estratégias do comércio que encantava os indivíduos na busca da felicidade paradoxal. Ele destaca a falsa ilusão de obter tudo que está visível aos olhos e ao alcance nos recursos, envolvendo assim, a sua individualização extrema, sempre à procura de algo inédito. O contentamento de possuir algo antes de todos, na ambição de consumo, ao mesmo tempo esse mesmo hiperconsumo é a motivação do indivíduo na aquisição de experiências subjetivas e emocionais. As transformações do consumo é uma maneira pela qual o indivíduo se deixa levar em sua busca pela felicidade através das práticas de consumo.

Dane-se quem não tem onde morar!... Leu numa revista que o governo precisou restringir o crédito e dali para cá o comércio passou a vender menos e a inadimplência cresceu, com mais títulos protestados nas empresas e mais cheques sem fundos. Na verdade, a casa própria virou um sonho e o dinheiro externo, de empréstimos milionários, vai para as(os) bolsas(os). Estaciona também nos fundos e frequenta os leilões, deixando um buraco enorme nos bolsos do povo. Ter um imóvel próprio não saía da sua cabeça. (RODRIGUES, 2001, p. 104 - 105).

A lógica então seria a de suprir a demanda que esses indivíduos hipermodernos exigem ao consumir e realizar os seus anseios. Pode-se afirmar nas palavras de Lipovetsky (2004): “o hiperconsumidor se identifica pelo que consome, é um indivíduo que firma sua identidade através da aquisição de coisas materiais. Nada mais falso, portanto, do que acreditar que o consumo reine sem restrições”. (LIPOVETSKY, 2004, p. 36).

Neste sentido, pode-se entender que na hipermodernidade as mercadorias não oferecem apenas uma utilidade, mas sim a individualidade, ou seja, elas vendem a maneira de

viver e também o próprio estilo de vida, desenvolvendo assim a multiplicidade de desejos e anseios individuais.

A aranha-negra, mesmo às avessas, tecia... tecia.... Morava no fio que a ela garantia a existência enquanto aranha-negra. Tecia e tecia – um trabalho de arquiteto, por isso, a aranha morava. Arquetitava seu teto, mesmo com os ratos e as baratas vermelhas, cascudas, cinzentas, rajadas... Desconjugada e num desfalecimento da vontade, notou que tudo se tratava apenas de uma fantasia, que nela ia progressivamente se desenvolvendo e alcançando seu máximo de intensidade à maneira de um tumor cancerígeno. Ergueu-se de pronto, bateu o pé e recomeçou numa dança cigana”. (RODRIGUES, 2001, p. 105).

Logo, o hiperconsumo é uma prática que consome cada vez mais a vida social dos indivíduos, defendendo e absorvendo as informações que são lançadas, no intuito de monopoliza-los, seguindo uma lógica envolvente, despertando a necessidade e atingindo o lado emocional. Há um afeto por objetos ou por afetividade a outrem e com a vida, com a felicidade, com a satisfação, a busca de emoções e de prazer, na evidência das relações sociais e de trabalho, na aparência e na vaidade da demonstração das afeições.

Se acha que pode adiar a sua entrada no volátil mundo dos negócios de agora? Tudo bem! Sujeito? ... Sujeito autônomo? Esse constructo foi apenas uma mistificação filosófico-cultural que criaram para lhe convencer de que tinha um sujeito individual. Você vive atrás de muralhas, de paredes, de grades, indiferente à miséria que a cerca. Julga-se o máximo e desconhece o outro que com você compartilha da mesma solidão. Você não possui nem mesmo a rua onde mora ou ocupa provisoriamente: ‘Olhe a rua! Cuidado! Veja o carro, o pivete, o ladrão, o sequestrador, o político corrupto, o tarado, o.... Cuidado! Não fique na rua, menino, é muito perigoso! (RODRIGUES, 2001, p. 100).

Já a exploração radical da razão, apresenta sinais de excesso nos próprios comportamentos de indivíduos, em que podem alegar um consumismo exagerado, anorexias, vários outros tipos de compulsões, uma profunda maneira de sentir, representar e de expressar nas diversas esferas do modo de viver.

Não sei, confesso, se minhas palavras são realmente minhas ou se elas pertencem a alguém. Mas quem? Ouço-as e vejo-as, contudo não identifico nelas seus donos. Elas têm donos? Já não sei se digo uma palavra que seja minha. Sou uma tv que capta e reproduz imagens e sons. Imito o já imitado. O que expresso não é um estilo particular único. Não posso inventar novos mundos. Eles já foram criados. Estou aprisionada em guetos, em sombras de meu passado e em imagens mascaradas do outro num mundo pré-concebido. Agora mesmo vejo os apartamentos sobrepostos de ruídos: um amontoado de estranhos comprimidos que ainda mais são do que metáforas obscuras de meu próprio “eu”. Não busco a música que é a essência da essência, busco simplesmente a essência. Onde encontrar essência?! (RODRIGUES, 2001, p. 101).

É a partir da não regulamentação dos excessos da obra de uma autoria que, no espaço da escritura, o texto permite ao leitor perceber o ver e sentir os acontecimentos. A citação

parece longa, contudo, a fala prevalece como uma linguagem, cuja função é predominantemente emotiva e reveladora de seu mundo interior, de seus questionamentos em relação a sua unidade e à sua fragmentação, que vêm expressando a imprevisão, o estilhaçamento do indivíduo, que só se comove nas diversas maneiras de sobreviver.

III. A METAMORFOSE E O CREPÚSCULO DA LUZES

Prefiro ser essa metamorfose ambulante
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo...
Raul Seixas

Esse trecho da canção, “Metamorfose ambulante” é o nome de uma das principais músicas do cantor e compositor Raul Seixas (1945-1989), gravada no ano de 1973. Nesta música, o artista afirma que prefere viver em um estado de constante mudança, do que ser o mesmo todos os dias, com opiniões imutáveis e intransigentes”. (Observações & análise). Contudo é necessário perceber o tempo exato de emergir para as mudanças, pois assim é o indivíduo hipermoderno, à medida que vai adquirindo experiências, ele revela e sente o prazer de estar cada vez mais realizado. Dessa forma a beleza se esplandece em cada instante, literalmente nesses “instantes”¹¹ que a obra nos proporciona novos horizontes.

A obra sensibiliza e possibilita a reflexão sobre a existência e as ações do ser humano, em seu pensamento, desenvolvimento, na forma da mudança de paradigmas, em seus aspectos diversos, no contexto da vida, no progresso equilibrado e sustentado e na mudança constante e dinâmica. Enfim, o metamorfoseamento humano muda o indivíduo, transformando o ser em outro ser, uma mutação apreciável que ocorre no indivíduo, modificando-o o tempo todo, uma verdadeira transição corporal e ética. Sobre outro ângulo, a autora descreve essa transição do indivíduo que vem do externo, influenciando-o:

As correntes começaram a girar ao redor de seu corpo, enlaçando-a por inteiro e impulsionando-a para fora do quarto em direção à rua em longas caudas de poeira luminosa. Sentiu-se tomada por uma espécie de enfraquecimento da vontade e do raciocínio, estado esse que veio depois a ser substituído por um atordoamento extraordinário, exatamente no momento em que mais necessários lhe seriam o equilíbrio e a razão. (RODRIGUES, 2001, p. 104).

Para desmitificar a metamorfose em sua singularização José Silveira¹² transcende uma simples explicação: “Ser uma metamorfose ambulante é ter consciência de que as ideias podem ser mudadas e modificadas conforme as experiências e a forma de se relacionar com os outros e com o mundo”. “Triste não é mudar de ideia. Triste é não ter ideias para mudar”. (BACON, www.todamateria.com.br/francis-bacon).

Cicatrizes surge no cansaço, na exaustão, na agonia, no medo, incerteza perdidos sobre um ouro escuro, remetendo a algo que não acontece, ou que não se conhece. Relata uma vida cheia de mudança em relação ao tempo, com marcas contidas de transições, à procura de algo

¹¹ Instantes no agora, que outrora foi denominado capítulos.

¹² José Silveira é colaborador da Magazine *Obvious Ousa Saber*, que é um espaço de categorias múltiplas como a arte, ideias, música, cinema, etc....

novo e de transformação. O indivíduo hipermoderno é célere ao procurar se adaptar nas imposições que a sociedade determina, assim como na instantaneidade de seu dia-a-dia. Há uma compressão do tempo, e nessa corrida maluca contra ele, contra si mesmo ou a favor, existe um apagamento de valores, de destruição ou construção interior, sempre na luta de dualidade, segundo verifica-se nesse trecho da música “Metamorfose ambulante”, de Raul Seixas (1973):

Eu quero dizer agora o oposto do que eu disse antes
 Se hoje eu sou estrela amanhã já se apagou
 Se hoje eu te odeio amanhã lhe tenho amor
 Lhe tenho amor
 Lhe tenho horror
 Lhe faço amor
 Eu sou um ator
 (SEIXAS, 1973).

Nesse caso, o dia-a-dia do indivíduo hipermoderno é interagido com momentos de alto desenvolvimento íntimo, assim como o agir, o fazer atuar, incitar, o obter força e suportar vários tipos de carga, seja ela psicológica ou não. Além disso, o apressar e os acontecimentos são mais rápidos e com isso, todos ficam na perspectiva de oferecer sempre o melhor e o mais rapidamente possível.

Os indivíduos que estão na era do hiper, estão instigando novas atitudes, até mesmo na ilusão de querer controlar o tempo, pois este representa uma certa ansiedade e agonia de algo valioso, e para isso é necessário abraçar a maneira como o indivíduo hipermoderno personaliza esses valores. Assim, esse indivíduo passará a considerar o tempo como seu, que se adequa em relação a sua limitação e a sua opinião formada. Com as mudanças, o externo aparece e a transição acontece, não porque o indivíduo força, mas porque deixa de lado tudo aquilo que é engessado para começar a se expandir.

Meu pai, um irredutível provocador, reunia os filhos, ainda muito novos, no salão da casa, para contar o que lera sobre a criação da espécie humana. Aproveitava o momento para discursar sobre a possibilidade de um ‘novo tempo’. O tempo do homem alcançar o seu ideal de humanização no projeto da Revolução, ‘Os homens, meus filhos, um dia alcançarão a liberdade de ir, vir, comer, morar..., serão fraternos uns com os outros e, por isso, serão iguais, não perante Deus, como dizem..., e olhava do canto dos olhos, com ironia, para meu avô – mas diante dos próprios homens! Seu Anselmo assumia, irritado, a provocação sem dizer uma palavra. Como cada um tem seu tempo – agora eu compreendo isso – o tempo de meu avô chegou ao fim. Meu pai, contrariamente, não teve tempo. (RODRIGUES, 2001, p. 94).

É representado o enfrentamento dos medos e monstros, das crenças e paradigmas, utilizando sentidos figurados do egoísmo e do sonho. A autora descreve um sonho inquietante

ou um sonho tranquilizador e ainda um sonho relaxante, pois para ela sonhar é transmutar, modificar, alterar o interior, e adaptar-se ao novo, não deixando o outro dominar.

Na rua, ainda sentia o cheiro do bicho. Meu corpo todo parecia tomado daquela baba. Contorcia-me o estômago. Na varanda da nossa casa, ouvia-se uma coruja cantar. Mamãe estremece-se toda, arregalou os olhos e pediu que fôssemos rezar. - Veja, criança, como esse animal tem um piar estranho. Vamos, vamos rezar. Joaquina, não deixe as crianças por aí... Quando esse bicho pia é sinal de mau agouro! Eu ouvia tudo com muito medo. Hoje, não sei se tenho medo do que ouço ou medo do que vejo. (RODRIGUES, 2001, p. 82).

A autora descreve a vida com palavras lapidadas, constrói a narrativa esculpindo cada letra, com seu sentimento mais precioso, descrito com uma riqueza de detalhes, de emoções, como num sonho extraordinário. Em sua criação artística, ela mostra a realidade ao experimentar essas riquíssimas palavras de sentimentos da alma, com murmúrios e lamentações, medo cheio de padrão, normas e regras, paradigmas e crenças limitantes e ordem: “vai rezar [...] Somos pobres, mas somos honestos! Bobagens: estamos todos presos em redes, feitos cães sem dono”. (RODRIGUES, 2001, p. 83).

Assim, a autora estabelece nessas figuras de sonho a realidade de uma outra pessoa ou do próprio leitor. Descreve uma vontade de romper todas as barreiras, de extravasar, rasgar o véu da razão, o limite forçado, enclausurado, sabendo que existe infinitas possibilidades.

Quanto as acepções, a autora usa novamente as “lembranças famílias”¹³ que são transportadas para a liberdade, que só os sonhos conhecem. Mesmo com os conflitos presentes na vida cotidiana, o se auge da mutação compreende que está dentro da sociedade hipermoderna.

Os comportamentos da hipermodernidade são recursos na construção dos indivíduos, que quebram toda raiz da tradição. Assim sendo, o comportamento humano remete a este pensar, a essa problemática que é, essa angústia espinhosa e confusões tumultuadas lançados pela autora. Ela que se defronta com as exigências do Estado ou de uma sociedade, em um mundo contemporâneo, num falso pensamento de que tudo mudará de uma hora para outra.

O escritor de *A peste* diz que o homem se distingue pela consciência de si próprio e ‘não é reconhecido nem se reconhece como homem enquanto se limita subsistir de maneira animal. Precisa ser reconhecido pelos outros homens’. Acredito também, mas será que o sistema flutuante acredita? Continuamos com saldos negativos na balança comercial e com crescentes déficits públicos, além das elevadas taxas de desemprego e subemprego. (RODRIGUES, 2001, p. 83).

¹³ Situações em que a autora menciona em vários instantes sobre questão familiar e crenças.

Nesta especificidade, percebe-se as probabilidades ao alcance de todos, causando o desenvolvimento acelerado do individualismo no querer sempre mais e com extrema urgência das coisas dentro de uma conexão com o agora. Assim sendo, estar na hipermodernidade, é estar no outro, da construção dos efeitos na competitividade, na realização pessoal e egocêntrica, na cobiça do outro, no dominar o outro, o tempo do outro e finalmente na generalização dos diferentes estilos de vida e também na morte.

Na Grécia Antiga, cuja cultura deu origem a quase tudo que somos ou pretendemos ser em termos de seres pensantes, a morte sempre foi entendida e acatada como sinal de mutação, de mudança de ciclo pessoal, social ou histórico. Percebida – da mesma forma que o nascimento - como fenômeno natural inerente à própria dinâmica da existência, ela nunca foi vista como "fim", mas sim como ponte necessária para se alcançar um recomeço. Portanto, como um "meio". E para os gregos, inventores da filosofia ocidental, os meios sempre foram muito mais importantes do que os fins. (PELLEGRINI, 2014).

Pode-se então afirmar, que os indivíduos sábios, de qualquer época, ambicionam viver o máximo de fatos ao mesmo tempo, querendo realizar-se.

3.1. Metamorfose no jogo artístico

O poema é como a lagarta. Depois da metamorfose, vem sempre a borboleta, enfeitando os céus dos jardins.
Cida Rodrigues

O indivíduo é uma criatura que permanece até um determinado momento da forma que lhe convém, e que em outro estágio ele se amplia, promovendo-se a uma atitude responsiva, apropriando-se em seus interesses sob as várias possibilidades. Assim também é com a lagarta, que na hora de mudar, transforma-se em uma linda borboleta. Neste sentido, a obra enceta com uma abertura que tem dois títulos, pertinente a própria construção da arte, com risco e cicatriz, como algo que foi corrompido; e o crepúsculo das luzes sendo uma fase posterior do capitalismo. Dentro dessa construção, há o índice¹⁴ que já mostra os instantes que são etapas dessa metamorfose.

Tem uma diversidade de citações de epígrafes, que vão remetendo a personagens diferentes da própria obra. Destaca-se por momentos onde suas escritas curtas tornam as letras cada vez mais tensas, radiante e com vigor, tornando-se competente em repassar o aprimoramento das letras. A autora, em sua obra, traz descobertas à humanidade, descrevendo que o indivíduo tem que enfrentar diversas adversidades nesse universo contemporâneo.

¹⁴ Índice mencionado nas Considerações Iniciais desta Dissertação.

No claro ou escuro, frequentemente, poucos sabem experimentar enquanto vivo a arte de viver. Além disso, analisando a obra como um todo, na sua composição há poesia, teatro, conto e uma espécie de mistura de texto. A autora mistura formas poéticas, formas textuais da vida e da sociedade contemporânea e da poesia visual, contendo vários tipos de poesias que trata das formas poéticas. Esse é o fazer artístico contemporâneo.

Percebe-se nesta obra, a primazia da poeticidade, instantes verbais legíveis, parcialmente legíveis ou ilegíveis, muitas vezes fragmentários, que geralmente integram-se a (i)legibilidade e varia muito de acordo com a (ir)regularidades das frases, que se dispõem de forma linear, labiríntico ou ainda apresentando colagens, ilustrados com textos de propagandas, publicidade, retirados de revistas e jornais, com bricolagens de anúncios de promoções de locais de comércio. Há então uma linguagem comercial, de consumo, que retrata o capitalismo.

Nesta obra percebe-se textos verbais reflexivos sobre a arte e o seu próprio fazer artístico. A autora enfatiza a individualidade do artista como condição imprescindível numa época pós-moderna, com tendência à padronização e a massificação da própria subjetividade. Para ilustrar Daibert (2000) relata:

A arte tem de estar comprometida também com a inteligência. Ela deve exigir do espectador tanto esforço quanto exigiu do criador. Seu papel é mudar a ordem das coisas, e não contribuir para a fixidez ou para o continuísmo. Claro, é um risco que se corre. O público fica inseguro, as vendas caem, as galerias e prateleiras se apavoram com o caráter cultural e pouco comercial das propostas, mas tudo isso não pode ser encarado como surpresa pelo artista. Tendo isso é consequência de seu ato, e o tempo se encarrega de colocar o público e os marchands na mesma sintonia que o artista. Mas diabolicamente, o artista está sempre pensando um pouco mais à frente. (DAIBERT, 2000, p. 68).

Cida Rodrigues, escritora, apaixonada, pesquisadora minuciosa e crítica, escreve atentando para a significação de cada indivíduo racionalmente contemporâneo. Em cada instante ela desencadeia diferentes emoções e, por conseguinte, diferentes leituras. Nesta transcrição, as palavras são tiradas de seus contextos usuais e criam novas relações entre si, gerando novos sentidos, na intertextualidade criativa, tratando-se de uma desconstrução construtiva, apresentando quase sempre a indefinição como reflexo do universo misturado e bem contemporâneo, onde imagem e texto se encontram.

As lâminas fragmentaram o seu corpo em papel de sebo picado que se misturava aos corpos e à poesia das ruas. Marx foi o primeiro a fundir-se às coisas e a tocar consideráveis informações com as sombras visíveis de Maquiavel.

<p>O GOVERNO É quem lucra Com os cartéis</p>
--

(RODRIGUES, 2001, p. 104).

Em sua obra há um mistério ou uma indefinição de busca pelo prazer de novas descobertas. Ao ler, ela vai transformando e produzindo novas perspectivas no leitor, associando ao o contato com o contexto social e cultural. Assim a leitura de sua obra desbloqueia a mente e o pensamento para sair das explicações de obras tradicionais. Sua obra alcança um prazer em sua leitura aguçando os sentidos e acrescentando conhecimentos aos leitores, além de não eliminar o prazer. A autora amplia o prazer da compreensão e permite maior eficácia na leitura para demonstrar a harmonia e a beleza entre suas palavras lapidadas. No instante do *O Caos(Abso)luto*, existe uma imagem surreal e uma frase com três ou mais significados, em que mostra a hipermodernidade, o caos (desespero, fome), abso (grande), luto(morte), sendo que cada uma mantém sua especificidade, e ao mesmo tempo, elas se completam, se falam e se expressam, uma verdadeira criação artística na exatidão: “Não sei se me faço no caos ou no absoluto! Sei que luto”. (RODRIGUES, 2001, p. 97).

Sua obra termina com a descrição de uma mancha de sangue, que representa guerra, contendo palavras da hipermodernidade. Ela relata que se mata e se tem guerra por qualquer motivo, e conectada a intertextualidade, com grande propriedade de crítica: “mata-se até para ver o sofrimento fazer careta” como diz Guimarães Rosa (1986):

As ruindades de regra que executavam, em tantos pobrezinhos arraias: baleando, esfaqueando, estripando, furando os olhos, cortando línguas e orelhas, não economizando as crianças pequenas, atirando na inocência do gado, queimando pessoas ainda meio vivas, na beira de estrago de sangues... esses não vieram do inferno? [...] Viver é muito perigoso. (ROSA, 1986, p. 38).

Com astúcia, indo mais longe, essa obra revigora o “eu”, mesmo que se tenha vários “eus”. É justamente essa revitalização que dá a oportunidade de ser essa metamorfose ambulante de transição e travessia das próprias etapas, mesmo tendo dificuldades, com percalços, hesitação, incerteza, impasse, paradoxo, contradição, situação insolúvel, ausência de verdade absoluta e falta de resposta às indagações filosóficas.

3.2. Crepúsculo enquanto centro da hipermodernidade

O real perdeu-se completamente nos contornos da imagem de minhas sombras.

Cida Rodrigues

Crepúsculo das Luzes é uma crítica ao capitalismo, século das luzes. O crepúsculo é a queda, o anoitecer, amanhecer das luzes, é aquilo que a própria hipermodernidade faz da *era do vazio*¹⁵. Crepúsculo das luzes está relacionado a esse vazio do homem contemporâneo. Ele representa o arriscar, a dor do criar, que é essa cicatriz que fica marcada. A arte sofre uma degradação da hipermodernidade, que rompe com tudo.

Crepúsculo das luzes, é o fim, o momento áureo, é o máximo do capitalismo, tornando-se o capitalismo extremado. É o que se vive hoje. Esse contexto mostra a realidade: “Tentava e tentava... Tentava e temia e tremia e teimava: assumir o risco do risco era preciso!” (RODRIGUES, 2001, p. 11).

Quando Cida Rodrigues descreve o risco, ela quer dizer que sem a transição, o indivíduo não vive. Para ela a vida é de uma extrema profundidade, com ou sem um fim trágico, e assim o segredo do homem é a metamorfose, que transforma o instante, uma vez que o real parece não fazer sentido ante as aparências: “Meu Deus! Como Livra-me de mim mesma? Foi o pensamento que lhe atravessou a atordoada mente”. (RODRIGUES, 2001, p. 47).

As horas voavam. Uma bronca, olhares de advertência, cochichos, alguém verificando o relógio, e ela era as palavras. Circulava livremente entre as paredes que a cercavam no labirinto. Constantemente, os números do relógio na cômoda se modificavam rápido. Abria os olhos meio de soslaio. Tentava torna-lo lento. Ah, se pudesse controlar o tempo-físico como controlo o tempo de meu ser! Dizia que as horas a obrigavam à produção do descontável. Na ciranda do consumo e do lucro fácil, ficava de fora. Chegava sempre depois da hora marcada; às vezes, seu relógio parava. Não ia à produção. Inventava qualquer desculpa. O trabalho-me cansa. Irritada, pensava em voz alta num discurso quase eloquente: ‘Ainda hei de ter o meu próprio negócio!’ Mão-de-obra barata... (RODRIGUES, 2001, p. 25).

Admite-se então, que a metamorfose pode ser as afinidades ajustadas pelos interesses de um sistema, que se deixa levar, fascinado por algo e fracionada ou ainda multiplicada, e que não consegue se adequar. Descreve-se uma realidade que não tem sentido, excluído de vazio, *a era do vazio*, onde há o homem hipermoderno, a transfiguração, a mudança e a esperança. Na obra o poder da arte é a mutação, o risco comum é visto como um todo e o homem hipermoderno se alimenta de um sentimento de aflição e, por conseqüentemente, aparecem problemas psicológicos, aspectos típicos do homem contemporâneo.

¹⁵ Título do filósofo Gilles Lipovetsky: ensaios sobre o individualismo contemporâneo.

Refleti com insistência, sobre o mover silencioso e inerte das massas como provável recusa do social. Elas foram reduzidas em simples dados estatísticos. Os indivíduos que cruzavam as ruas dissolveram-se uns nos outros, resultando uma mistura orgânica em que o único modo de aparência é o da sondagem. Despertá-la?! A informação não consegue revitalizar a memória de um povo. Só o lirismo dos verdadeiros poetas pode acordar o indivíduo que dorme profundamente na célula nuclear das massas. Por isso, é preciso correr risco... (RODRIGUES, 2001, p. 68).

A hipermodernidade ocupou o espaço cultural da pós-modernidade, a qual se revela uma “sociedade-moda” (aquela do consumo, da mídia, da publicidade, do “tudo é descartável”), em que os hábitos são consumistas, tentando despertar uma produção em massa que substitui o “rigor dos valores disciplinares de uma época que já se perdeu nos movimentos comportamentais e sociais da humanidade”. (LIPOVETSKY, 2004, p. 115).

Entretanto, encontra-se na obra, a convergência, o entrecruzamento dos múltiplos caminhos percorridos e narrados, com textos de tempos e espaços diferentes, ou até mesmo paradoxal, cientes, sabedores para converter o olhar, revelando assim, algumas estratégias dentro da arte criadora e individualizada, com ações peculiares do desvio do uso padrão da língua, a experimentação da linguagem ou de qualquer outro recurso.

A partir de agora, IMAGEM.... Projete sua imagem viva! Tudo é imagem: imagem de imagem. Não recrie unicamente de acordo com a mera verossimilhança. Busque a fonte: a fonte que as sombras encobrem. O foco mudou...[...] – Mas como? Não domino a minha história. Ela flutua livremente. Meus braços guiam-me a uma imitação sem risco: disfarce de uma ironia vazia. (RODRIGUES, 2001, p. 99).

A hipermodernidade traz uma maneira de intensificar o quase tudo, inclusive o consumo, resultante de uma globalização e de novíssimas tecnologias, que abarcam fenômenos da modernidade líquida, onde tudo é descartável e se rompe com bastante facilidade. Bauman (2001), declara: “vivemos em tempos líquidos, nada foi feito para durar”. (BAUMAN, 2001, p. 18). Todavia, essa frase é redefinida pelos vários estilos de indivíduos, por existir coisas tentadoras e atraentes, tudo muda, e nesse interim é marcada pelo “hiper”, quando Lipovetsky (2004), observa um mundo que é envolvido por esse mesmo hiper: “hipercidades, hiperpotências, hiperterrorismo, hipercapitalismo, hipermercado, hiperconsumo, hiperclasse, hiperindividualismo, hipertexto, o que mais não é hiper?” (LIPOVETSKY, 2004, p. 53), questiona o autor. “Tínhamos uma modernidade limitada; agora, é chegado o tempo da modernidade consumada”, esclarece (LIPOVETSKY, 2004, p. 54). Isso significa que o excesso está imerso a uma sociedade liberal, pós-disciplinar, num momento histórico real, fluida, líquida e flexível, caracterizada por essas responsabilidades ou irresponsabilidades, individualidades e coletividades, cujos sinais direcionam a viver na era

do “hipernarcisismo”, prevalecendo o individualismo possessivo. Neste trecho a seguir Lipovetsky (2007), aproxima a ideia de Bauman (2001) no ponto de se considerar a evolução:

O que mudou principalmente foi o ambiente social e a relação com o presente. A desagregação do mundo da tradição é vivida não mais sob o regime da emancipação, e sim sob o da tensão nervosa. É o medo o que importa e o que domina em face de um futuro incerto; de uma lógica da globalização que se exerce independentemente dos indivíduos; de uma competição liberal exacerbada; de um desenvolvimento acelerado das tecnologias da informação; de uma precarização do emprego; e de uma estagnação inquietante do desemprego num nível elevado. (LIPOVETSKY, 2007, p. 28).

Percebe-se então, um mundo hiper-moderno? Com Hiperinformação? Hiperlink? Hipermercado? Hiperconsumo? Hipercorpo, um mundo vertical? Um mundo horizontal? Um mundo igual? Um mundo diferente? Um mundo meu? E outro só seu? “Sempre o mesmo/sempre mudando?” Viva as diferenças... um mundo reciclado? A gente muda/o mundo muda. Experiências, consumo consciente. Sustentabilidade. Verde, zero, fast(rápido), slow(lento), um mundo em movimento. Logo eu existo. Existo assim agora. Mas não o sou/estou. E já que estou, eu faço! Eu posso! Siiimmmm eu posso! Eu quero! Hipermodernidade – google, msn, youtube, twitter, um mundo wireles (sem fio), para “viver sem fronteiras” cloud computing (computação em nuvem) ondrive. bluetooth, wi-fí, 3g, celular, sms, mp3, foto, vídeo, um mundo plural, onde as coisas nem sempre são o que parecem, mas incita uma solução imediata, exalta o prazer pessoal, o bem-estar, aconchego de ser brilhante, a vaidade de ser ele mais ela/ou ela mais ele, com avanços tecnológicos, tudo é o máximo do máximo, e esses fatores caracterizam a sociedade, porque tudo pode levar ao extremo, uma cultura de excesso, do sempre mais, de todas as coisas se tornam urgentes e intensas, relações reais de proximidades cedem lugar aos intercâmbios virtuais....sendo ou tornando tudo descartável, levando a felicidade no instante, satisfação, em um menor prazo possível onde tudo acontece rápido dentro da moda e que vem acontecendo o excesso de consumo, em que produz num só movimento.

4x

**Compram-se marcas
de seu dinheiro**

no cartão de crédito

Sem juros

“Seu
cliente
não gosta
de você

PARCERIAS

para

esporar expor

explorar

EXPLODIR no mercado consumidor.

Não temos

tabus e ética:

eis a questão!” (RODRIGUES, 2001, p. 97 - 98).

Tais interrogações e propaganda instigam ao conhecimento e informações para construir um mundo que corresponda as expectativas e superação das incertezas da hipermodernidade. Esse mundo novo que os indivíduos estão inseridos, mas, que muitas das vezes não sabem como agir.

Já o consumismo, a identidade, a precisão de estar sempre redefinindo seu perfil e a flexibilidade são algumas das características da hipermodernidade. São questões que geram desconforto e aumentam a sensação de angústia na incansável procura pela felicidade na era líquida. Há também o desconforto, inquietação e desequilíbrio que levam a agonia no momento da necessidade de reformar valores. Para isso, é necessário investigar o extremado consumo e observar se está à mercê do hedonismo, do fingir e do sonhar. Para isso, a escrita da autora indaga, e logo em seguida mostra:

Onde está o referente? Onde?... Já não me é possível apreender a fonte. As distinções entre o que sou e o que represento, entre as sombras e os objetos, entre as concepções e as coisas deixaram de poder ser feitas num mundo em que prevalecem os modelos dos modelos aparentes. – Não se engane. Tudo é ilusório. Tudo se dissolve em nome dos códigos, dos símbolos metafóricos, do ícone... Retratar-os, pois... De repente, a repugnância surgiu e cresceu nela. Acometia-lhe também um tremor. Os dentes, parecia, iam saltar-lhe, e todo o seu corpo se agitava: - Impossível, só tenho máscaras. Nunca, de fato, existi. Em mim nunca habitou um sujeito autônomo. (RODRIGUES, 2001, p. 99 - 100).

No entanto, não é preciso anuviar-se indevidamente a questão, pois nem tudo se sintetiza ao consumo puramente na *bel-prazer*, ressaltando que o centro da vida social é o consumo. Lembrando que há também o consumo de sua vida, aparência e moral, pois certos valores próprios da hipermodernidade, são abalados por esses excessos de querer mais, situações em que podem deixar o indivíduo completamente confuso.

Refugio-me ao sol do meio-dia. A luz ofusca-me a visão. [...] Sofro, leitor, os males do estigmatismo moderno. Tenho o cérebro míope. Sinto-me deteriorar pouco-pouco: perco meus membros inferiores – um móvel substitui-me as pernas.

Numero-me entre os inúmeros objetos que transitam as ruas. [...] Fico confusa. Não sei discernir a imagem da imagem do ‘provável’ real. Dói-me a cabeça. Tento encontrar o sentido das coisas, mas elas permanecem mudas. Firmo a visão com insistência. [...] Absorvo a forte luz do meio-dia que, conseqüentemente, absorve, em mim, o jogo dos versos rimados. Dos meus pés, consumo minha própria sombra e me reduzo numa máscara desfigurada, na soma de inúmeras raças que, nem mesmo os séculos, fizeram em meu espelho desaparecer. (RODRIGUES, 2001, p. 65-67).

Todavia, nada modificará a lógica da hipermodernidade, que restaura o passado sem cessar. Assim sendo, a tomada de responsabilidade individual é apenas uma faceta da hipermodernidade. Isso porque, os indivíduos hipermodernos não se preocupam com o futuro e vivem como se fossem tudo real, na aquisição da liberdade e da igualdade, não aguentando nada que lhes são impostos, uma verdadeira guerra íntima constante, além da imposição da sociedade.

A hipermodernidade como uma sociedade hiper, incita o individualismo cada vez mais, e desvaloriza os valores morais, tornando tudo ambivalente, as que por outro lado, desperta nos indivíduos o senso crítico, a liberdade e condutas que visam o crescimento e o desenvolvimento.

Todos se olhavam com um certo espanto, mas ninguém se mexia. ‘Passivos... Passivos. Vermes, vermes’ – exclamou de si, para si irada. ‘Estamos todos acostumados ao ridículo! Humilhação! Acostumados a aceitar...diabo! Sangue sugado gota-a-gota. Iluminismo...Aceitação... O preço de se estar na ciranda das luzes era alto. Necessário era não compreender... Aceitar, aceitar! ... O sangue gota-a-gota era o meio e o lucro, o fim’ – refletiu. Percebeu que nos inúmeros lábios anêmicos saíam uns risinhos histéricos que, na certa, acabariam antes mesmo que falassem com o chefe da seleção. ‘É preciso sangue próprio. Não tinham. Venderam-no gota-a-gota aos vampiros do iluminismo moderno. (RODRIGUES, 2001, p. 59).

Talvez seja uma utopia, ou imaginação, ou até mesmo algumas ideias fixas de iluminar as trevas de uma sociedade ideal, cercada de mistérios e crenças limitantes. Essa mesma sociedade vem sendo motivada com princípios justos e verdadeiramente comprometida com o bem-estar da coletividade, em que Lipovetsky (2004), refere-se a outra definição de hipermodernidade: “O que define a hipermodernidade não é exclusivamente a autocritica dos saberes e das instituições modernas, é também a memória revistada, a remobilização das crenças tradicionais, a hibridização individualista do passado e do presente” (LIPOVETSKY, 2004, p. 98). Dessa forma, entende-se que a hipermodernidade conduz os indivíduos a terem uma verdadeira sede de informações e serem famintos por sabedoria, que mostra como prosseguir. Assim, compreender esse saber é uma noção, um norte de como seguir adiante. Lipovetsky (2004) acrescenta: “chegar a tal conclusão seria

subestimar o poder de autocrítica e de autocorreção que continua a existir no universo democrático”. (LIPOVETSKY 2004, p. 100). Contudo, a hipermodernidade é marcada pelo espírito filosófico existente, intensificador de aguçar o ser humano.

Mesmo assim, pode existir uma ruptura de valores tradicionais, nessa sociedade de consumidores contemporânea, com outra forma de olhar, uma falação ou discurso de real ou virtual, e ainda, tratar a si como mercadoria, uma instantaneidade momentânea.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“As moléculas todas mudam. Eu sou outro eu agora”.
James Joyce

Esta dissertação será permanente e perene, sempre nova, mesmo sendo realizada no ano de 2019. Sob a luz do indivíduo metamoderno (reciclagem das ideias da modernidade), lida com a sensação do hoje e para garantir o seu lugar, está sob a luz do momento transitório. “*Quero ser a metamorfose ambulante*¹⁶”, contribuir sempre com satisfação, emoção e prazer, ser como a fênix – renascer das cinzas a todo instantes.

Nesta sociedade hipermoderna, democrática e mercantilista não tem nada pronto, pois nada está mais na caixinha, nada está moldado. Essa sociedade hipermoderna apenas é, como vai ficar, ninguém pode afirmar, devido a sua transição permanente. Ponderando algumas questões da hipermodernidade, sem ditos e regras, muito menos conclusões definitivas. Entretanto, deixa-se aberto à sugestões e indagações, pois a literatura levou a imaginar, mergulhar no universo do hiper em contato com as tendências e com a sofisticação, para finalmente se ter reflexões infinitas, porque a literatura é de infinitas possibilidades, e possui as mais variadas formas de escrita.

Na obra analisada está inserida as várias lutas travadas da autora com seus secretos desejos de realizá-los, expressados na arte da vida. Percebe-se também nessa obra um aprimoramento de linguagens modernas e uma utilização de variados recursos poéticos, que mencionaram e se referiram a grafia de poesia contemporânea, inserida na hipermodernidade.

Essa obra quebrou a função normativa, uma vez em que a autora desperta possibilidades aos leitores, com a imaginação, a pluralidade de sentidos, a autonomia de pensamentos, o abrir dos olhos, um olhar crítico e uma liberdade que só a modernidade tem. A escritora legou a busca de uma própria interpretação, uma aquisição de autonomia num mundo cheio de tradição, e ofereceu aos leitores autonomia, reflexão e entendimento para se criar argumentos que não convencem ou convencem, em que racionalizam um emocional para expressar a verdadeira evolução do saber.

Outro aspecto marcado dessa obra é a mistura de gêneros literários transitando livremente entre a prosa, ficção e a poesia. A poesia em prosa é uma expressão sem considerações e posicionamentos linguísticos fugindo de versos, rimas, ritmos melódicos; enquanto que a poesia é uma caracterização utilizada para expressar linguagem de forma diferente do normal, artifício em que o sujeito, na prosa, improvisa, inventa ou cria para se encontrar o falar em busca de si mesmo.

¹⁶ Trecho da música do cantor Raul Seixas.

Portanto, a investigação dessa escrita literária contribuiu para transformar o olhar na reflexão, na ponderação, na imaginação, no pensamento e na concentração, como por exemplo, a cor do som, o tato da visão, a briga com as palavras, fala fria, abrindo assim a multiplicidade de pensamentos. Para isso, a arte literária realiza esses desejos, anseios e sentidos, uma vez que faz superar as limitações trazendo conhecimentos essenciais na construção dessa investigação.

É relevante, enfatizar que autora deixou o desafio de conhecer e saber mais sobre a crítica literária. A proposta é abraçar incansavelmente essa busca de conhecimentos, percebendo que a autora é movida pelo desejo de escrever e acerta na escrita crítica intencional, intensificando orientação aos leitores, emergindo valores.

Essa autora goiana faz da leitura e da literatura um estudo de grande penetração, em que ela mostra como a construção poemática, ficcionista, lírica e épica nas prosas e versos evoluem com jogos artísticos e possibilidades reflexivas na criação desses instantes na arte, ensinando e inspirando. Percebe-se que no ápice dessa emoção acontece a escrita, para instigar o leitor a adentrar nesse mundo mágico e encantado.

Assim sendo, confirma-se de forma plena na fina criatividade, fascinantemente viva dessa artista/escritora, a hipermodernidade Lipovetskyana e Rodriguiana.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond. **Poesia Completa**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

BACON, Francis. **O pensador iluminista**. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/francis-bacon/>>. Acesso em 18 de dezembro de 2018.

BAKHTIN, M. M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 4. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Forense-Universitária, 2008, p. 340.

BAUDELAIRE, Charles. **As flores do mal**. Tradução: Mario Laranjeira. São Paulo: Martin Claret, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p. 39.

_____. **Modernidade líquida**. Trad. Plínio Dentzien – Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed 2001.

_____. **Identidade**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.

_____. **Vida para consumo** – A transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BORGES, Luis. **Que Metamorfose!**. Observação e Análise. 10 fev. 2019. Disponível em: <<http://observacaoeanalise.com.br>>. Acesso em 11 fev. 2019.

CASTEL, Robert. **La Face Cachée de l'Individu Hypermoderne**. Trad: AUBERT, Nicole (Org.) L'Individu Hypermoderne. Paris: O Indivíduo Hipermoderno. Ed. Eres. Coleção: Sociologia Clínica, 2004.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alan. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2008.

CRUZ, Antônio Donizeti da. e COSTA, Sueli Aparecida. **O mito de Narciso e a imagem especular na lírica de Ferreira Gullar**. Terra roxa e outras terras- Revista de Estudos Literários. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g_pdf/vol11/11_1.pdf>. Acesso em 18 de dezembro de 2018.

DAIBERT, Arlindo. **Imagens do grande sertão**. São Paulo. Ed. Ufmg, 2000.

DANTAS, Tiago. **Geografia Física, em mundo Educação/2018**). Disponível em: <<https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/eclipse.htm>>. Acesso em 29 de novembro 2018.

LACAN, J. (1966). **Écrits**. Paris, France: Seuil.

LIPOVETSKY, Gilles e CHARLES, Sébastien. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo. Ed. Barcarolla, 2004.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Era do Vazio**: ensaios sobre o individualismo contemporâneo. São Paulo: Manole, 2005. p. 32.

_____. **A felicidade paradoxal**: ensaio sobre a sociedade do hiperconsumo. São Paulo. Companhia das Letras, 2007.

_____. **A Sociedade Pós-Moralista**: o crepúsculo do dever e a ética indolor dos novos tempos democráticos, S. Paulo: Manole, 2005.

MORIN, Edgar. **A Cabeça Bem-Feita**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p. 128.

NIETZSCHE, F. **Breviário de citações**. São Paulo: Landy, 2001.

PAKULA, Alan. **A Escolha de Sofia**. Universal Pictures. 1982. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Dz6NSCVrBpE>>. Acesso em 20 dez 2018.

PEIXOTO, Nelson Brissac. **Cenários em ruínas**: a realidade imaginária contemporânea. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PELLEGRINI, Luis. **Os pés alados de Mercúrio**, Ed. Axis Mundi, 1997.

_____. Edição #126, Revista digital Oásis, 2014, p. 14 - LAGOS ANDINOS

RODRIGUES, Cida. **Cicatrizes do risco ou Crepúsculo das luzes**. Goiânia. Visual, 2001.

_____. **A Desconstrução Dialógica no Ato de Criar**. Goiânia. Ed. Espaço Acadêmico, 2018.

_____. **2 Pesquisa em Linguagem**. Goiânia. Ed. Da PUC Goiás, 2010.

STRAUSS, Leo. **História da filosofia política**. Rio de Janeiro. Ed. Forense.2013.

VANNUCCHI, Aldo. **A Universidade Comunitária**. O que é, como se faz. São Paulo: Ed. Loyola, 2004.

VANNUCCHI, Camilo. **A Sociedade do excesso**. Revista: Isto é. São Paulo, nº 310, 18 ago. 2004. Disponível em: <http://www.terra.com.br/istoe/1819/comportamento/1819/sociedade_do_excesso.htm>. Acesso em: 17 set. 2018.

ANEXOS

ENTREVISTA COM A AUTORA DA OBRA: CICATRIZES DO RISCO OU CREPÚSCULO DAS LUZES - CIDA RODRIGUES.

A maioria dos homens não dão valor ao que compreende, mas muitos tecem elogios ao que não entendem.
Gracian

Como e porque a Sra. se tornou escritora? Em que momento viu a necessidade de escrever?

Desde muito menina, antes de saber ler e escrever, eu gostava de imaginar personagens e estabelecer entre eles diálogos, que nem sempre eram de assuntos do cotidiano familiar. Às vezes, eram histórias fabulosas e fantásticas, relacionadas às coisas e seres da natureza. Outras vezes, misturava os dramas domésticos e o cotidiano com essas narrativas. Meus personagens eram, quase sempre, folhas de árvores com seus caules, as minhas preferidas eram as folhas das mamonas com seus caules. O impressionante é que eu subia nos penúltimos galhos do abacateiro de nosso quintal, para imaginar. Como eu era muito magra e miúda, podia balançar neles de um lado a outro, como pássaro voando e criando minhas histórias. Os personagens brincavam comigo. Depois, por volta de 8 e 9 anos, eu recortava as personagens das revistas em quadrinhos sobre histórias de amor (Capricho) de minha irmã mais velha, e me escondia nos cantos da casa para criar histórias que, mais uma vez, nada tinha com aquela ali contada. Fui à escola com 8 anos, quando fui alfabetizada. Minhas redações eram sempre selecionadas como as melhores da turma. Na adolescência, escrevi um livro de aventuras no mar, uma história de amor, sofrimento e aventura, embora eu ainda não conhecesse o mar. Depois escrevi outros, menos importantes para mim. Passei a gostar de escrever poesias e era uma leitora insaciável e fã da literatura mundial. Meus poemas sempre tiveram um caráter social e existencial. Desse modo, penso que nasci para imaginar universos humanos. No segundo grau, estudei em uma escola que possuía uma biblioteca farta de literatura estrangeira, aí mergulhei em Dostoiévsky, Standahal, Tomas Mann, Edgar Allan Poe, Flaubert, Faulkner, Virgínia Woolf, Kafka e também uma literatura bastante recomendada: Menino do dedo verde; Polyana menina; Flores para Catharina, etc. Li, praticamente, quase tudo da literatura romântica e as do século XIX brasileira. Machado era meu preferido. Penso que foi a minha sede de leitura com a minha habilidade imaginativa me fizeram escritora.

Como avalia a hipermodernidade hoje?

Na verdade, não tenho como avaliar, estou tateando nos estudos sobre o assunto.

E a arte em geral? A senhora vê intercambiamento? Ela se mistura? Ou acredita que cada arte tem a sua própria forma de ser e de produzir?

Como artista não avalio nenhuma criação artística, elas são o que são. Como crítica de arte literária, considero a arte o maior bem da vida, embora não tenha um valor econômico e financeiro e não tenha utilidade prática, objetivamente. O crítico avalia a obra de arte não para dizer se ela é boa ou ruim. Avalia na sua qualidade enquanto ser de si, e, desse modo, poderá compor seu *modus operandi* e seu dinamismo criador. Se ela se mistura? Às vezes sim, para compor o seu tempo, mas não é isso que faz dela arte. O caráter de liberdade criativa permite a abertura ao intercambiamento, sim; mas repito: não é isso que a torna arte. Cada obra de arte tem seu modo de ser, e isso a singulariza ou como diz Blanchot: cada obra tem seu *fora*.

Como vê a hipermodernidade dentro de suas próprias obras? É uma força que constitui as suas obras?

Quando escrevi *Cinzas da paixão*, falava-se em pós-modernidade como algo possível para uns e não para outros. *Cicatrizes do risco* nasceu antes dessas discussões no meio cultural e intelectual em que eu circulava. Falava-se, ainda, do Existencialismo, do Estruturalismo/Formalismo e surgiram os adeptos da Filosofia da Linguagem, dos quais fiz parte, com as ideias de Heidegger, Hannah Arendt e Foucault; ainda, havia a mania sobre o discurso, numa percepção linguística e depois, bakhtiniana: dialogismo e análise do discurso. Como crítica de arte, nunca tentei analisar as minhas obras. Penso que cada obra tem seu “fora” e os críticos vão tentar mergulhar, escavar, encontrar, etc. Os caminhos são muitos – ilimitados. Essa é a beleza da crítica: mergulhar na obra para vislumbrar possibilidades.

Como vê a literatura em todas as artes daqui para frente? Diante do cenário político que estamos atravessando?

A obra de arte não é um corpo morto. Ela vê, olha e enxerga seu tempo, com ele se confunde, positiva ou negativamente. São corpos entranhados que ora se aglutinam, ora se repelem drasticamente. No entanto, o artista que se quer como tal, não mancha seus dedos nas teclas com o medíocre de seu tempo-espço, mas com o trágico, agora, por exemplo, com a tragicidade de um universo vazio, dotado de/por imbecilidades, no qual o consumo tem como *meio* a coisa a ser consumida e como *fim* – a derrota fatídica do consumidor.